

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**FAMÍLIAS MULTIDESAFIADAS EM CONTEXTOS DE**  
**POBREZA: VULNERABILIDADES E FORÇAS FAMILIARES-**  
**REFLETINDO ACERCA DA INTERVENÇÃO**

**Joana Helena Encarnação da Silva**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**  
**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica**  
**Sistémica)**

**2013**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**FAMÍLIAS MULTIDESAFIADAS EM CONTEXTOS DE**  
**POBREZA: VULNERABILIDADES E FORÇAS FAMILIARES-**  
**REFLETINDO ACERCA DA INTERVENÇÃO**

**Joana Helena Encarnação da Silva**

Dissertação orientada pela Professora Doutora Maria Teresa Ribeiro  
e co-orientada pela Mestre. Maria Minas

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica  
Sistémica)**

*Ao meu pai*

## **Agradecimentos**

À minha orientadora, Professora Doutora Maria Teresa Ribeiro, pela simpatia, disponibilidade, apoio e por todos os ensinamentos. O meu sincero agradecimento, foi um prazer ser orientada por si.

A todo o núcleo de Sistémica. Especialmente à Professora Rita Francisco e à Professora Marta Pedro pela disponibilidade e pela ajuda imprescindível no tratamento de dados.

À Maria Minas, por me ter feito parte deste projeto, pela simpatia, descontração e disponibilidade que demonstrou ao longo destes meses.

Às instituições que permitiram a recolha de dados e que nos receberam calorosamente, revelando a maior disponibilidade, obrigada por tudo o que me permitiram aprender. Aos participantes, obrigada pela vossa colaboração e ensinamentos.

À Ana, por ter partilhado esta experiência comigo e pela amizade destes cinco anos, pelo apoio nos momentos mais difíceis e por ter durante esse tempo me ter equilibrado.

À turma sistémica, pela união. Foi um orgulho pertencer a esta família.

Ao Antero, pelo apoio informático que tornou possível todo o tratamento de dados.

À minha mãe, por tudo. Pelo apoio, por acreditar em mim mais do que ninguém e pelo amor incondicional que nos une.

À Bia e à Catarina, pela partilha do dia-a-dia, por terem acompanhado todos os pequenos passos desta investigação, pelo apoio e pela paciência.

Ao Ricardo, pela compreensão e carinho, por me dar a conhecer outros lados de mim.

Por último, um obrigada a todos aqueles que não é possível enumerar mas me apoiaram e acreditaram em mim. Obrigada por fazerem parte da minha vida.

*Joana*

## **Resumo**

A literatura na área das famílias multidesafiadas pobres tem alertado para a importância de uma intervenção focada nas forças e recursos familiares, contudo, as descrições das famílias multidesafiadas e do seu funcionamento e organização aparecem na literatura ainda focadas no déficit e na vulnerabilidade.

A presente investigação procurou, através de uma metodologia qualitativa com recursos a métodos quantitativos como meio complementar, compreender se o foco das intervenções e, por sua vez, os objetivos das mesmas caminham no sentido de combater vulnerabilidades ou potenciar forças familiares. Na componente qualitativa foram realizados cinco focus group, cinco entrevistas semi-estruturadas a profissionais e dez entrevista semi-estruturadas a famílias num total de 40 participantes. Na vertente quantitativa foi aplicado o *Questionário das Forças Familiares* a 30 participantes (Melo & Alarcão, 2011).

Os resultados qualitativos, além de transmitirem uma noção mais clara de quais são as fragilidades e as forças familiares, revelam que os objetivos da intervenção relacionam-se mais com as forças familiares. Os resultados quantitativos revelam que não existe relação entre o tempo de permanência em programa de apoio formal e o desenvolvimento de forças familiares. Em conclusão, irá efetuar-se uma reflexão acerca do impacto dos resultados desta investigação para a intervenção com estas famílias, as limitações do estudo e sugestões para futuras investigações.

**Palavras-chave:** Pobreza, forças familiares, intervenção em rede, multidesafio

## **Abstract**

The literature on poor multi-challenged families has been alerting to the importance of a focused intervention on the strengths and family resources, however, the descriptions on those families and their functioning and organization show up on that literature still focused on the deficit and vulnerability.

The current investigation has searched through a qualitative methodology with quantitative resources and methods has a complementary mean, to understand if the focus of the interventions and its objectives take the same path on the sense of fighting the familiar vulnerabilities or to magnify the family strengths. On the qualitative component were made five focus groups, five semi-structured interviews to professionals, and ten semi-structured interviews to families with the total of 40 participants. On the quantitative front has been applied the *Questionnaire of Familiar Forces* to 30 participants (Melo & Alarcão, 2011).

The quantitative results, in addition to transmit a clearer notion of what the familiar fragilities and strengths are, also reveal that the objectives of the intervention relate more to the families strengths. The quantitative results reveal a lack of relation between the time of involvement on a formal support program and the development of families strengths. In conclusion, a reflexion about the impact of the investigation results to the intervention with these families, and the limitations of this study and suggestions to future researches.

**Keywords:** Poverty, Family Strengths, network intervention, multi-challenge

## ÍNDICE

Introdução.....	1
I. Enquadramento Teórico.....	2
1.1 Famílias Pobres e multidesafiadas.....	2
1.1.1. Famílias pobres.....	2
1.1.2 Famílias Multidesafiadas.....	2
1.1.2.2 Conceptualização.....	3
1.1.2.3 Caraterização das Famílias.....	4
1.2. Vulnerabilidades das famílias.....	7
1.3. As forças das famílias.....	8
1.3.1. Competências.....	9
1.3.2. Resiliência.....	10
1.4. Redes de apoio formal.....	10
1.5. Intervenção.....	11
1.5.1. Abordagem Tradicional.....	11
1.5.2. Abordagem Pós-positivista.....	12
II- Metodologia.....	14
2.1. Desenho de Investigação.....	14
2.1.1. Questão Inicial.....	14
2.1.2. Objetivo Geral e Objetivos.....	14
2.1.3. Mapa Conceptual.....	15
2.1.4. Questões de Investigação.....	15
2.1. Estratégia Metodológica.....	16

2.1.1. Condições e critérios de amostragem.....	16
2.1.2. Procedimento de Recolha e Tratamento de Dados .....	16
2.2. Caracterização da Amostra .....	18
III. Resultados.....	20
3.1. Estudo Qualitativo .....	20
3.2. Estudo Quantitativo .....	29
IV. Discussão.....	31
V. Conclusão .....	35
Referências Bibliográficas.....	36

### **Índice de Figuras**

Figura 1. Mapa conceptual. ....	15
---------------------------------	----

### **Índice de Gráficos**

Gráfico 1. Objetivos dos Programas de Apoio referenciados pelas famílias apoiadas ..	20
Gráfico 2. Objetivos dos Programas de Apoio referenciados pelos profissionais.....	20
Gráfico 3. Objetivos dos Programas de Apoio referenciados pelo coordenador.....	21
Gráfico 4. Objetivos de intervenção do Projecto Mais Skillz .....	22
Gráfico 5. Objetivos de intervenção do Projeto Família. ....	22
Gráfico 6. Objetivos de intervenção do Projeto Pressley Ridge.....	23
Gráfico 7. Objetivos de intervenção do CAFAP .....	23
Gráfico 8. Objetivos de intervenção do Projeto A PAR.....	24
Gráfico 9. Fragilidades referidas pelas famílias participantes em Programas de Apoio.	24

### **Índice de Quadros**

Quadro 1.Média, desvio-padrão, valores mínimo e máximo e Alfa de Cronbach de cada uma das escalas do Questionário das forças Familiares. ....	29
---	----

Quadro 2. Correlação de Pearson entre o Tempo de Permanência em Programa e as subescalas do QFF .....	30
---	----

## **Anexos**

*Anexo I* - Questionário das Forças Familiares

## **Apêndices**

*Apêndice I* - Termo de Consentimento Informado

*Apêndice II* - Questionário Sociodemográfico

*Apêndice III* - Guião da entrevista semiestruturada a profissionais

*Apêndice IV* - Guião da entrevista semiestruturada a famílias

*Apêndice V* - Árvore de Categorias

*Apêndice VI* - Relatório de Categorizações e Definições Operacionais

*Apêndice VII* - Output de Análise de dados quantitativos.

## Introdução

Várias descrições são feitas na literatura acerca de famílias pobres multidesafiadas e a formas de intervir com as mesmas, contudo, ao descrever estas famílias existe ainda um foco no déficit e na vulnerabilidade mais do que nas suas forças e competências.

Numa época em que os paradigmas estão também a mudar, é necessária a compreensão das forças destas famílias e deste modo, perceber novas formas de trabalhar com elas. É neste sentido que nas próximas páginas se procurará descrever as fragilidades nestas famílias mas sobretudo conhecer quais são as suas competências e forças familiares e, deste modo, entender que formas de intervenção potenciam mais o desenvolvimento de competências e forças familiares.

A presente investigação<sup>1</sup> inicia-se com o enquadramento teórico da respetiva temática, seguindo-se a metodologia utilizada para o estudo. De seguida, são apresentados os resultados obtidos e feita uma discussão dos mesmos.

Por último, a conclusão onde serão apresentadas as limitações do estudo, o impacto dos resultados obtidos e sugestões para próximas investigações.

---

<sup>1</sup> O presente estudo constitui um recorte de uma investigação a decorrer no âmbito do projeto de doutoramento de Maria Minas, intitulada *A importância da abordagem ecossistémica na intervenção com Famílias pobres multi-desafiadas*.

## **I. Enquadramento Teórico**

### **1.1 Famílias Pobres e multidesafiadas**

#### **1.1.1. Famílias pobres**

O conceito de famílias multidesafiadas surge muitas vezes associado à pobreza e ao baixo estatuto económico, contudo esta ligação não é evidente. As famílias pobres são o núcleo mais visível das famílias multidesafiadas portanto é essencial esclarecer estes dois conceitos (Sousa, 2005).

Por pobreza entende-se uma: “situação de privação resultante da falta de recursos” (Bruto da Costa, 1998, p. 27) sendo que privação evidencia más condições de vida o que afeta várias áreas incluindo as necessidades básicas; relativamente à falta de recursos é necessário ter em conta que limita o acesso a bens e serviços quer no que respeita ao domínio institucional quer social (Bruto da Costa, 1998).

A pobreza tem como fonte a estrutura social que não permite que todos os membros participem nas condições de vida disponíveis do meio e tem como consequência muitas vezes uma fragilidade na inserção social que se exprime em diversos domínios (Sousa, 2005).

A exclusão social reflete-se em múltiplas áreas do quotidiano, incluindo a personalidade, as redes de pretença social, as tarefas realizadas (laboralmente ou não), o acesso à informação e ao rendimento e poder de compra (Sousa, 2005).

#### **1.1.2 Famílias Multidesafiadas**

O conceito famílias multidesafiadas surge nos anos 50, coincidindo com o início da era pós-moderna e com a industrialização, esta nova era não trouxe apenas a vanguarda e a expansão das cidades, mas também novos valores sociais e profundas mudanças nos valores familiares vigentes. Na era pós moderna a grande prioridade deixou de ser a produção para passar a ser o consumo e esta metáfora do consumo foi a inspiração para muitos dos transtornos que vivemos atualmente, de que a toxicodependência é exemplo (Linares, 1997).

É associada a esta metáfora do consumo que surge o conceito de famílias multidesafiadas e simbolizam esta era pós moderna, pouco produtivas no geral e com uma relação ambígua com os apoios, consumindo grandemente os serviços sociais (Linares, 1997).

Segundo Palermo, Cancrini, Gregorio e Nocerino (1997, cit em Alarcão 2006) em comum estas famílias têm uma clara privação económica e cultural, ou seja, uma carência de meios económicos e de competências sociais que amplia os problemas que surgem e reduz as capacidades de resposta (Alarcão, 2006).

Assim, dando foco à sua estrutura e organização famílias, estas famílias têm vindo a ser denominadas de diversas formas, segundo Cancrini, Gregorio e Nocerino (1997),: *famílias isoladas* segundo Powell e Monahan (1969) que desta forma evidenciam o isolamento destas famílias relativamente à família alargada e ao contexto social; *famílias excluídas* segundo Thierny (1976) sublinhando assim a separação face aos contextos parental, institucional e social; Aponte (1976, 1981) definiu-as como *famílias suborganizadas* dando ênfase à estrutura disfuncional destas famílias que se devem a lacunas ou carências no desempenho do papel e funções parentais; Vailand (1962) evidenciou os problemas de comportamento anti sociais destas famílias denominando-as *famílias associas* e Minuchin e col. (1967) realçou as perturbações comunicacionais que reforçam as desordens relacionais e a desorganização estrutural denominando-as *famílias desorganizadas*.

Mais recentemente têm-se procurado designações que evidenciem menos as disfuncionalidades com o objetivo de evidenciar mais as suas capacidades, entre elas estão *famílias multiassistidas* (Linares, 1997) focando os apoios e serviços dos quais as famílias recebem apoio; *famílias multiproblemáticas* (Cancrini e col. 1997; Alarcão, 2000) sendo famílias caracterizadas pela presença, em simultâneo, de vários comportamentos problemáticos estáveis no tempo em vários membros; *famílias multistressadas* (Madsen, 1999) evidenciando as permanentes e sucessivas situações de stress e por último a designação mais adotada recentemente *famílias multidesafiadas* (Summer, McMann e Fuger, 1997) evidenciando os múltiplos desafios e múltiplas necessidades de mudança (Sousa, Hespanha, Rodrigues & Grilo, 2007)

### **1.1.2.2 Conceptualização**

Segundo Linares (1997, cit em Sousa, 2005) famílias multidesafiadas são famílias que apesar de sintomas individuais, múltiplos e variados, têm um papel secundário face ao sintoma familiar, tendência para o caos e desorganização.

Assim, estas famílias distinguem-se por um estilo relacional e pela presença de problemas que afetam vários membros do mesmo sistema familiar (Sousa, 2005).

Para operacionalizar o conceito de famílias multidesafiadas, Cancrini, Gregório e Nocerino (1997), propõem a existência de seis critérios: presença simultânea de dois ou mais elementos do sistema familiar com comportamentos problemáticos estruturados, estáveis no tempo e suficientemente graves para exigir uma intervenção externa; grave insuficiência na assunção, por parte dos pais, das atividades funcionais e afetivas necessárias à vida familiar; reforço recíproco entre o primeiro e o segundo aspetos; labilidade das fronteiras, própria de um sistema caracterizado pela presença de outras figuras externas; estruturação de uma relação de dependência crónica face a serviços sociais e desenvolvimento de comportamentos sintomáticos característicos.

Deste modo, podemos considerar que as famílias multidesafiadas caracterizam-se por dificuldades em diferentes aspetos da sua vida e que se encontram presas em padrões repetitivos de resolução de problemas.

### **1.1.2.3 Caracterização das Famílias**

#### *Estrutura Familiar*

As interações entre os vários elementos da família organizam-se segundo padrões repetitivos de trocas verbais e não-verbais, estas interações designadas por padrões transacionais regulam as trocas afetivas, cognitivas e comportamentais e especificam o papel de cada membro da família (Alarcão, 2006).

Este modelo de relações entre os diferentes membros da família é designado por Minuchin (1979) por estrutura e define-a como “a rede invisível de necessidades funcionais que organiza o modo como os membros da família interagem”.

Nas famílias multidesafiadas encontram-se algumas **estruturas típicas** caracterizadas por repetidas rupturas e reconstituições, salientam-se múltiplos acontecimentos relativos a relações amorosas que acabam por ser instáveis e geralmente estas famílias distinguem-se por um afastamento da figura paternal masculina.

Cancrini, Gregorio e Nocerino (1997) definiram algumas estruturas típicas das famílias multidesafiadas sendo elas: o pai periférico, o casal instável e a mulher só.

Relativamente à estrutura *pai periférico*, esta define-se normalmente pela presença de uma figura paternal desempregada, com níveis de instrução e competências baixo e que ocupa um papel secundário na vida dos filhos quer a nível emocional quer a nível económico. Geralmente existem circunstâncias que levam este pai a longas ausências que podem estar relacionadas com a sua ocupação profissional ou situações jurídicas (Sousa, 2005).

A mãe geralmente descreve o companheiro como instável, violento, alcoólico, infiel e incapaz de tomar conta da família. Os motivos deste afastamento relacionam-se com a falta de responsabilidade ou com uma desconfiança do próprio relativamente às suas capacidades, enquanto a mulher se ocupa de o manter afastado tendo uma visão negativa do seu envolvimento (Sousa, 2005).

A estrutura referente ao *casal instável* relaciona-se com casos de casamentos e relações esporádicas entre pessoas jovens que não conseguem constituir uma família autónoma: esta relação é normalmente fugaz e a família reorganiza-se centralizada na figura da avó que geralmente costuma assumir o papel de mãe do seu neto e, neste caso, a configuração designa-se por *avó ausente*.

Outra estrutura denomina-se *mulher só* e refere-se a famílias constituídas por uma mulher de estatuto social baixo que cria sozinha os filhos, de vários pares cujas relações não se revelaram estáveis.

Por último, a estrutura *família petrificada* caracteriza-se por um acontecimento de vida não normativo que interfere nos papéis dos diferentes membros da família petrificando-os (Sousa, 2005).

Por **limites** entendemos as fronteiras ou barreiras que permitem a diferenciação entre os sub-sistemas familiares (Alarcão, 2006) e nas famílias multidesafiadas quer entre os vários subsistemas quer nas relações com o exterior caracterizam-se pelo desmembramento, ou seja, as fronteiras são pouco definidas ou excessivamente permeáveis, os membros são distantes e a hierarquia é caótica (Sousa, 2005).

No que diz respeito à **conjugalidade** existe uma enorme instabilidade que não permite o amadurecimento das relações conjugais, que se relaciona com a difusão dos limites e há enorme labilidade afetiva entre os membros resultando em conflitos quase permanentes. A inconstância conjugal por sua vez, no campo da **parentalidade** conduz à deterioração da função paternal portanto é comum existirem falhas na segurança

básica dos filhos e que, por sua vez, estes interiorizem modelos inseguros de vinculação (Sousa, 2005).

Gómez, Muñoz, e Haz (2007) salientam ainda que é comum o abandono das funções parentais que mostra em muitos casos um grau elevado de incompetência parental e negligência que podem resultar na retirada legal dos filhos. Minuchin (1974, cit em Sousa, 2005) salienta o comum estabelecimento de alianças especialmente disfuncionais nestas famílias.

Dadas estas limitações no subsistema parental, a **fratria** também se vê condicionada no seu cumprimento de funções de treino de relações entre iguais, visto que são muitas vezes os irmãos mais velhos que assumem tarefas parentais sendo que não é sempre o mesmo irmão a assumir essas mesmas tarefas, o que resulta num contexto de grande inconsistência (Sousa, 2005).

#### *Funcionamento Familiar*

O funcionamento familiar diz respeito aos padrões de relação que ligam os membros, padrões que variam na sua consistência e flexibilidade dependendo de cada família (Sousa, 2005)

As funções familiares são realizadas de forma insatisfatória e isto vai dos aspetos mais organizativos aos mais emocionais, o que estimula a procura de pessoas externas ao sistema familiar a fim de satisfazer as necessidades. Outro aspeto relaciona-se com o poder, visto que a hierarquia de poder nestas famílias está comprometida a desorganização é levada ao extremo (Sousa, 2005).

Também as emoções são pautadas por algum desequilíbrio nas famílias multidesafiadas, por um lado as emoções são vividas muito intensamente e há muito pouca capacidade de controlo, os estados de ânimo são tao intensos como efémeros, além de que existe pouca partilha de emoções entre os membros da família (Sousa, 2005).

Outro aspeto importante do funcionamento familiar é a comunicação e, nestas famílias, ela caracteriza-se pelo caos comunicacional e pela pobreza emocional existente nas mensagens bem como, a falta de clareza e de assertividade (Sousa, 2005).

#### *Organização Familiar*

Segundo Linares (1997) a organização familiar, que é espelho da comunicação, é também caótica ou desagregada. Por organização familiar entendemos o espaço onde

convergem as identidades dos membros, esta convergência nestas famílias é dificultada pela fragilidade do vínculo entre os elementos da família que não permite criar bases sólidas a nível emocional. Existem poucas rotinas e rituais e pouca delimitação relativamente ao espaço exterior que muitas vezes resulta em isolamento social visto que a informação circula em condições que não permitem o processamento.

A história e o ciclo de vida geralmente rege-se pela biografia da mulher dada a ausência e periferia em que se encontram os homens, as primeiras etapas do ciclo de vida familiar são vividas muito rapidamente, havendo um nascimento do primeiro filho precocemente na maioria das vezes ainda durante a adolescência dos pais depois ao longo do ciclo de vida as famílias multidesafiadas têm tendência para acumular crises inesperadas sendo que o sistema familiar tem dificuldades em adaptar-se a essas crises normativas portanto, o sistema familiar sofre mudanças estruturais que se sobrepõem às necessidades dos filhos, portanto estas crianças crescem precocemente assumindo tarefas dos adultos. Na geração seguinte o ciclo renova-se através de um mecanismo de hereditariedade relacional (Sousa, 2005).

Em relação à economia familiar, existe uma grande dificuldade em gerir os rendimentos e definir prioridades o que leva estas famílias a serem muitas vezes dependentes dos serviços sociais. Raramente existe carreira profissional e os empregos não têm significado na vida (Sousa, 2005).

Por último, as redes sociais são homogéneas, fechadas e instáveis pois são formadas essencialmente por parentes pouco apoiantes (Sousa, 2005).

## **1.2. Vulnerabilidades das famílias**

Um estudo de Hespanha et. al. (2005, cit. em Sousa et. al., 2007) realizado com 150 famílias multidesafiadas identificou oito categorias de problemas. A *educação* devido aos seus baixos níveis educacionais e ao não cumprimento da escolaridade obrigatória é uma das categorias com maior incidência.

O *desemprego* atinge metade das famílias e é comum o emprego temporário e o trabalho informal, dada a importância do emprego na organização da vida familiar e social, esta é uma área que afeta a estabilidade e inclusão social. Relacionado com o emprego, a gestão financeira tende a ser difícil para estas famílias devido ao elevado

número de membros, aos problemas de saúde e aos gastos em reparações habitacionais (Sousa et. al, 2007).

Também na área da *habitação* se verificam dificuldades essencialmente nas condições da mesma, ao regime de utilização e na manutenção ou conservação do alojamento. Ao nível das *relações familiares* são os conflitos no agregado e com elementos da família alargada que assumem maior dimensão, em 8% das famílias são também relatadas situações de violência doméstica e/ou maus-tratos infantis (Sousa et. al. 2007).

Em relação às relações sociais destacam-se os conflitos com vizinhos e/ou senhorio e o problema da solidão. Por vezes na sequência de atitudes de marginalização pela comunidade ocorrem situações de isolamento social (Sousa et.al. 2007).

Uma das constantes nestas famílias é a escassez ao nível do *rendimento* que, muitas vezes, as colocam na dependência de outras fontes de apoio formal ou informal. Esta escassez de rendimentos é agravada pelas despesas ao nível da *saúde* que constitui outros dos domínios mais preocupantes, dadas as elevadas percentagens de famílias com elementos portadores de deficiência ou incapacidade (Sousa et. al. 2007).

### **1.3. As forças das famílias**

Williams et al. (1985, cit em Dunst, Trivette & Deal, 1994) define as forças das famílias como os padrões de relação, as competências interpessoais e as características psicossociais que criam uma identidade positiva da família, promovem uma interação satisfatória entre os membros do sistema familiar, encorajam o desenvolvimento e o potencial da família enquanto grupo e de cada um dos seus membros individualmente e contribuem para a capacidade de lidar eficazmente com o stress e as crises.

As forças da família são compostas por diversos componentes englobando os valores familiares; as competências familiares e os padrões de interação familiares. Os valores familiares, definidos como as atitudes e crenças que contribuem para um estilo de funcionamento único em cada família; estes valores incluem uma variedade de afirmações e expectativas que caracterizam o estilo de vida da família (Dunst et al., 1994).

As competências familiares são o conhecimento, as competências e as capacidades que cada membro da família tem para mobilizar recursos internos ou

externos. Concretamente as competências da famílias são os comportamentos que refletem a performance da família de mobilizar recursos (Dunst et al., 1994).

Por último, os padrões de interação familiares são as características das relações interpessoais familiares que promovem a circulação de informação e de recursos entre os membros do sistema familiar de forma a que o suporte seja mútuo (Dunst et. al., 1994).

As famílias têm diferentes tipos de valores, competências e padrões de interação que, no seu conjunto, definem o estilo de funcionamento de cada família que é único e irrepetível e reflete a forma como a família se desenvolve. A revisão de literatura refere que não é a presença ou ausência destes componentes que tornam uma família forte mas sim a combinação de características (Dunst et. al., 1994).

As famílias têm diferentes tipos de valores, competências e padrões de interação que em conjunto definem o seu estilo de funcionamento familiar, que reflete a forma como cada família cresce (Dunst et al. 1994).

### **1.3.1. Competências**

Os estudos sobre famílias multiproblemáticas pobres têm incidido sobretudo nos seus défices e patologias, não focando os respectivos recursos e competências (Sousa, 2007). Porém, intervir com as famílias ativando as suas competências permite capacitar as famílias, isto é, permite que os profissionais compreendam as vulnerabilidades das famílias aceitando os recursos e salientando as suas potencialidades (Sousa, 2005).

Segundo Ausloos (2006), todas as famílias têm as competências necessárias para efetuarem as transformações de que precisam, desde que as deixemos experimentar as suas próprias soluções e ativarmos o processo que as autoriza a isso.

No caso das famílias multiproblemáticas, estas estão sujeitas a crises sucessivas, apesar de bloqueadas em padrões repetitivos de interação de resolução de problemas vão sendo capazes de prosseguir, o que revela capacidade de resolução de problemas apesar das suas circunstâncias aparentemente instáveis e caóticas (Madsen, 1999 cit em Sousa, 2007).

Linares (1997, cit em Sousa, 2007) comprovou que é comum o reconhecimento que os pais amam os filhos, apesar de não serem competentes na realização de algumas tarefas, e que isso se deve aos seus modelos igualmente inseguros e instáveis.

Os aspetos positivos no funcionamento e organização familiares mais referidos pelas famílias e profissionais são: união e apoio familiar, forte vínculo entre pais e filhos e capacidade de organização e partilha das tarefas da vida diária. Este estudo foca ainda que as competências se relacionam sobretudo com aspetos emocionais e expressivos (Sousa & Ribeiro, 2005; Sousa, Ribeiro & Rodrigues, 2006).

### **1.3.2. Resiliência**

Luthar, Cicchetti, e Becker (2000) definem resiliência como um processo dinâmico que engloba adaptação positiva dentro do contexto de adversidade significativa. Walsh (1998, cit em Silva, Elsen, & Lacharité, 2003) considera que a resiliência é mais do que sobreviver a uma situação adversa mas sim é uma contradição à ideia de que todos os indivíduos que crescem em ambientes adversos se tornam adultos com problemas.

Tal como acontece com a noção de resiliência, a resiliência familiar pode ser vista como uma combinação de características aos membros da família superar as dificuldades e ter resultados positivos (Bhana & Bachoo, 2011) Para existir resiliência familiar são necessárias três condições, segundo Patterson (2002): a) o resultado de nível familiar deve ser concebida de maneira em que seja possível avaliar o grau ao qual uma família é competente; b) deve haver algum risco associado à expectativa de que a família não será bem sucedida; c) há uma necessidade de compreender quais os mecanismos de proteção que impedem um mau resultado.

Em relação às famílias resilientes Mullin e Arce (2008) propõe que existe maior resiliência familiar quando maior for a sua capacidade de procurar, receber e dar apoio, ter crenças sobre si mesmo, o meio social e / ou espiritual que os rodeia e tomar medidas para controlar o seu destino.

As famílias mais resilientes são também as que têm maior conhecimento de como aceder às estruturas de serviço social e sabem utilizar os serviços que estão mais disponíveis para eles. Famílias resilientes não só recebem apoio mas simultaneamente providenciam-no (Mullin & Arce. 2008).

### **1.4. Redes de apoio formal**

O suporte formal é caracterizado por intervenção de maior distância, tanto emocional como geográfica, entre os membros. Este suporte geralmente é providenciado em bens, dinheiro e serviços e vem habitualmente de assistentes sociais, médicos e outros profissionais (Sousa & Rodrigues, 2009). A rede social formal refere-se a laços institucionais num âmbito estruturado e de existência oficial que se destina ao cumprimento de funções e fornecimento de serviços (Guadalupe, 2009).

As famílias estão inseridas na comunidade que contem uma rede secundária a que esta pode recorrer, este envolvimento ocorre naturalmente em determinadas fases do ciclo vital e estes serviços podem ser fonte de apoio ou stress dependendo das suas características (Sousa, 2005).

## **1.5. Intervenção**

As famílias multidesafiadas têm sido caracterizadas como disfuncionais e caóticas, por isso foram desenvolvidas abordagens focadas nos problemas contudo, contudo tem sido revelado que a ativação das forças familiares constitui uma importante ferramenta para a intervenção, o que salienta a importância de promover uma abordagem focada nas forças (Sousa, Ribeiro & Rodrigues, 2006).

Andolfi (2000, cit em Sousa, 2004) diz que vivemos no tempo de amadurecer o encontro entre as abordagens tradicionais e pós-positivistas procurando explorar as congruências e diferenças entre elas. Posto isto, antes referir a intervenção nas famílias pobres multidesafiadas, é importante caracterizar a abordagem tradicional e pós-positivista.

### **1.5.1. Abordagem Tradicional**

Nas abordagens tradicionais de intervenção com as famílias multidesafiadas é negligenciado o ponto de vista das famílias, bem como as respectivas competências e estratégias que utilizam na resolução de problemas (Sousa et. al. 2007).

Nesta abordagem, os profissionais reforçam a noção de famílias incapazes, não percecionando os recursos e meios que as mesmas utilizam para resolver os problemas

por isso, tendem a assumir uma atitude substitutiva, oprimindo as suas tarefas ou funções familiares (Sousa et. al. 2007).

Esta crença dos profissionais conduz a uma postura passiva, por parte das famílias que, por vezes, é lida pelos profissionais como falta de interesse e envolvimento; esta forma de intervenção pode ainda levar a conflitos porque geralmente a família não aceita imposição de regras (Sousa et. al., 2007).

Imber-Black (1988, cit em Sousa, 2004) refere que são os sistemas sociais que estão organizados por áreas de necessidades e que, quando a família chega a esses serviços, os seus problemas são identificados. Assim, são os sistemas de apoio formal que definem o problema, ou seja, as redes secundárias têm categorias de problemas pré-definidos onde encaixam as famílias e os problemas (Sousa, 2004).

Quando a intervenção foca os problemas torna-se instável e estéril, pois quando se começa a intervir num problema, outro de maior dimensão ou urgência ocorre (Sousa et. al, 2007).

### **1.5.2.Abordagem Pós-positivista**

Contrariamente às abordagens tradicionais que foram referidas anteriormente, com a evolução da abordagem sistémica, o foco passou a estar no grupo familiar e nos mecanismos homeostáticos de mudança esquecendo a noção de cura e o foco individual (Sousa, 2005).

Nesta linha, Ausloos (1996) refere o postulado da competência que sugere que uma família só se coloca com problemas que é capaz de resolver. Este postulado recusa a tradicional imagem das famílias como incompetentes e culpadas e acolhe a valorização das mesmas (Ausloos, 1991 cit em. Sousa, 2005).

A valorização da competência é usada como estratégia de capacitação das famílias, ou seja, o profissional aceita que a família é a mais apta para definir e compreender as suas próprias necessidades, atualizar os seus recursos e gerar desenvolvimento (Sousa, 2005).

Madsen (2009) também salienta que todas as famílias têm capacidade de crescer, aprender e mudar e refere a importância de um modelo que não ignore as dificuldades mas que dê ênfase a expandir competências. Ao explorar os problemas dando foco à competência a família recorda-se que é capaz de lidar com as dificuldades e, ao notar

esta capacidade, desenvolve o seu sentido de competência que lhes permite mais facilmente encontrar solução para os problemas. O autor reforça, ainda, a importância da atitude, da postura e da ligação emocional que os profissionais levam para a relação com o cliente sem esquecer a importância das técnicas terapêuticas.

A abordagem focada nas competências tem vindo a constituir-se um sólido instrumento de intervenção (Sousa & Ribeiro, 2005).

## **II- Metodologia**

A presente investigação parte de um paradigma pós-positivista o qual considera que, apesar de existir realidade e desta ser impulsionada por diferentes causas, é impossível para o seu humano, dadas as suas limitações, captar essa mesma realidade (Guba, 1999). Este paradigma recorre a diversos métodos para alcançar o máximo de compreensão possível da realidade (Denzin & Lincoln, 2000).

A presente investigação procura realizar a integração de dados qualitativos e quantitativos num único estudo, recorrendo portanto a uma metodologia mista. numa tentativa de legitimar o uso de diversos recursos para responder à mesma questão de investigação de uma forma inclusiva e complementar em vez de limitar a escolha do investigador (Johnson & Onwuegbuzie, 2004).

### **2.1. Desenho de Investigação**

#### **2.1.1. Questão Inicial**

*Qual a relação entre os objetivos de intervenção e as fragilidades e forças familiares, na perspetiva das famílias pobres multidesafiadas dos profissionais dos programas de apoio?*

#### **2.1.2. Objetivo Geral e Objetivos Específicos**

O objetivo geral é o de saber se o foco dos objetivos da intervenção é colocado nas fragilidades, nas forças familiares ou em ambas e compreender quais são as fragilidades e forças familiares que são destacadas pelas famílias e pelos profissionais dos programas de apoio formal.

Com base neste objetivo geral, decorrem os seguintes objetivos específicos :

1. Conhecer os objetivos das intervenções de programas de apoio formal a famílias pobres multidesafiadas;
2. Perceber se o foco dos objetivos é colocado nas fragilidades ou nas forças familiares;
3. Conhecer as fragilidades das famílias, segundo a sua própria perspetiva e segundo a perspetiva dos profissionais;

4. Saber quais são as forças familiares identificadas pelas famílias e pelos profissionais que as acompanham;
5. Compreender as diferenças entre objetivos nos diversos projetos de apoio formal.

### 2.1.3. Mapa Conceptual



**Figura 1.** Mapa conceitual.

### 2.1.4. Questões de Investigação

#### Estudo Qualitativo

- a) Quais são os objetivos das intervenções com famílias pobres multidesafiadas?
- b) Que fragilidades familiares são percebidas pelas famílias e profissionais?
- c) Que forças familiares são percebidas pelas famílias e pelos profissionais?
- d) Existe relação entre os objetivos da intervenção e as fragilidades percebidas?
- e) Existe relação entre os objetivos da intervenção e as forças familiares percebidas?
- f) Que diferenças existem relativamente aos objetivos de diferentes programas de apoio formal?

## **Estudo Quantitativo**

a) Que forças familiares são destacadas pelas famílias pobres multidesafiadas?

b) Que relação existe entre as forças familiares da família e o tempo de envolvimento em programa de apoio formal?

## **2.1. Estratégia Metodológica**

### **2.1.1. Condições e critérios de amostragem**

Nesta investigação existiram duas amostras, uma referente ao estudo qualitativo e outra referente ao estudo quantitativo. Para a recolha de ambas as amostras, foi utilizado o método de amostragem por conveniência que permitiu uma seleção dos casos mais facilmente acessíveis.

### **2.1.2. Procedimento de Recolha e Tratamento de Dados**

A amostra do presente estudo foi recolhida em Lisboa e na respectiva área suburbana junto de cinco instituições ou serviços de apoio formal que realizam a sua intervenção junto de famílias multidesafiadas e com baixo nível socioeconómico. Os dados foram recolhidos junto da Pressley Ridge Portugal, da Associação Aprender em Parceria- A PAR, do Projeto Família do Movimento de Defesa da Vida, do Centro de Atendimento Familiar e Aconselhamento Parental da Associação Nós e do Projeto Mais Skillz da Associação Mais Cidadania.

Na parte qualitativa do estudo, a recolha de dados realizou-se em Janeiro de 2013 e Julho de 2013. Numa fase inicial o projeto foi apresentado aos profissionais e posteriormente à família e após ser aceite foi assinado o *Termo de Consentimento* (Apêndice I), preenchido o *Questionário Sociodemográfico* (Apêndice II), posteriormente, os dados foram recolhidos através de uma *Entrevista Semiestruturada* ao coordenador do projeto (Apêndice III) e a dois elementos de famílias acompanhadas (Apêndice IV) e marcado um *Focus Group* (Apêndice V) com os profissionais. Depois de recolhidos, os dados foram transcritos e tratados no *software Nvivo* (versão 11 para Windows).

Em relação à componente quantitativa do estudo a recolha decorreu entre Janeiro e Julho de 2013, após ser apresentada a investigação à família, foi assinado o

*Termo de Consentimento*, preenchido o *Questionário Sociodemográfico* e aplicado o *Questionário das Forças Familiares* (Melo, 2011). (Anexo I). Depois de tratados, os dados foram introduzidos e tratados no software SPSS – *Statistical Package for the Social Sciences*- versão 11.

### **2.1.2.1. Instrumentos Utilizados**

#### *Questionário das forças familiares*

O Questionário das Forças Familiares (QFF) foi construído através das forças e processos de resiliência familiar que têm sido identificados na literatura (Melo & Alarcão, 2007).

O QFF é constituído por 29 itens de auto-relato que são avaliados numa escala do tipo Likert de 5 pontos e divide-se em quatro sub-escalas que avaliam *Organização Familiar Positiva*, *Crenças Familiares Positivas*, *Gestão Positiva e Suporte Familiar*, e *Emoções Positivas* (Melo & Alarcão, 2007).

#### *Focus Group para os profissionais*

A definição de *focus group* não é unânime, contudo existem alguns elementos essenciais que o definem. O grupo é um conjunto de pessoas cujos pontos de vista são requeridos para abordar determinado tema; o grupo é pequeno e usualmente tem entre 6 e 12 membros (Vaughn, Schumm, & Sinagub, 1996).

O objetivo do *focus group* é o de obter informação acerca das percepções, sentimentos, atitudes dos diversos participantes sobre o tópico em discussão e o que distingue esta técnica de outros métodos qualitativos é a discussão em grupo (Vaughn, Schumm, & Sinagub, 1996). Pretende-se que exista interação dentro do grupo e que os participantes se influenciem mutuamente pelas respostas dadas às questões do moderador (Oliveira & Freitas, 1998), sendo essencial para o decorrer do focus group que o moderador seja capaz de moderar e guiar a discussão para o tema e a sua pesquisa (Oliveira & Freitas, 1998).

#### *Entrevista semi-estruturada para as famílias*

A entrevista é uma das técnicas mais comuns de recolha de dados em ciências sociais, é um método de recolha de informações, em que o investigador utiliza as suas intervenções para recolher o máximo de elementos de análise (Quivy & Campenhoudt, 1992).

A entrevista implica sempre um processo de comunicação em que ambos os intervenientes se podem influenciar mutuamente, a entrevista tem uma grande variedade de usos e tem uma multiplicidade de formas, entre elas a entrevista semi-estruturada (Aires, 2011). A entrevista semi-estruturada não é totalmente aberta nem completamente estruturada, o investigador dispõe de determinado número de perguntas-guia, relativamente abertas das quais é necessário obter a resposta do entrevistado. O entrevistador tem apenas uma lista de tópicos precisos relativos ao tema que pretende explorar e pretende-se que estes tópicos sejam abordados no desenrolar da conversa de forma relativamente flexível (Quivy & Campenhoudt, 1992).

## **2.2. Caracterização da Amostra**

A amostra total deste estudo é constituída por 70 participantes (N=70), sendo que 40 dos mesmos participou no estudo qualitativo (N=40) e os restantes 30 participaram no estudo quantitativo (N=30).

No estudo qualitativo, do total dos 40 participantes, 30 são profissionais dos respetivos projetos e 10 são membros de famílias que estão a receber apoio, os participantes tem idades compreendidas entre os 12 e os 66 anos, sendo que 82.5% (N=33) pertencem ao sexo feminino e os restantes 17.5% (N=7) pertencem ao sexo masculino.

Relativamente à nacionalidade, 97.5% (N=39) dos participantes são de nacionalidade portuguesa sendo que os restantes 2.5% (N=1) são de nacionalidade brasileira, 92.5% (N= 37) é de etnia caucasiana sendo que os restantes 7.5% (N=3) são de etnia africana.

Quanto ao tempo de envolvimento com o programa de apoio, 55% (N=22) está no programa há mais de dois anos, sendo que 17.5% (N=7) estão há mais de sete e menos de onze meses, 15% (N=6) estão entre um e dois anos e 12.5% (N=6) estão há menos de seis meses.

No estudo quantitativo participaram apenas famílias apoiadas pelos programas e os participantes tem idades compreendidas entre os 11 e os 72 anos, sendo que 53.3% (N=16) são do sexo feminino e 46.7% (N=14) são do sexo masculino.

Tendo em conta a nacionalidade, 66.7% (N=20) dos participantes são de nacionalidade portuguesa, 13.3% (N=4) cabo-verdiana, 13.3% (N=4) guineense, 3.3% (N=1) santomense e 3.3% (N=1) brasileira, sendo que 53.3% dos participantes são de etnia caucasiana e 46.7% são de etnia africana.

Relativamente ao tempo de permanência no programa, 40% dos participantes no estudo (N=12) estão a ser acompanhadas há menos de 6 meses, 10% (N=3) estão a ser acompanhadas a um período igual ou superior a 7 meses e menor ou igual que 11 meses, 23.3% (N=7) dos participantes tem acompanhamento entre um e dois anos e, por fim, 26.7% (N=8) dos participantes têm acompanhamento há mais de 2 anos.

### III. Resultados

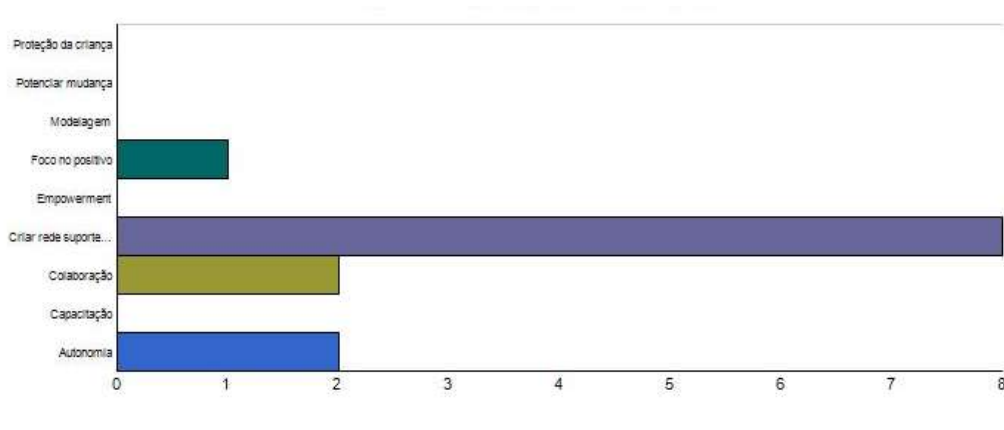
#### 3.1. Estudo qualitativo

Após a introdução dos dados qualitativos no *software Nvivo*, tal como referido anteriormente, procedeu-se à criação de categorias de análise. Primeiramente as categorias foram criadas de acordo com a revisão de literatura, contudo posteriormente surgiram novas categorias.

A análise teve como base quatro categorias-mãe, sendo estas *Caraterísticas da Intervenção, Forças Familiares, Fragilidades e Objetivos da intervenção*. Cada uma destas categorias é constituída por diversas sub-categorias (Apêndice VI).

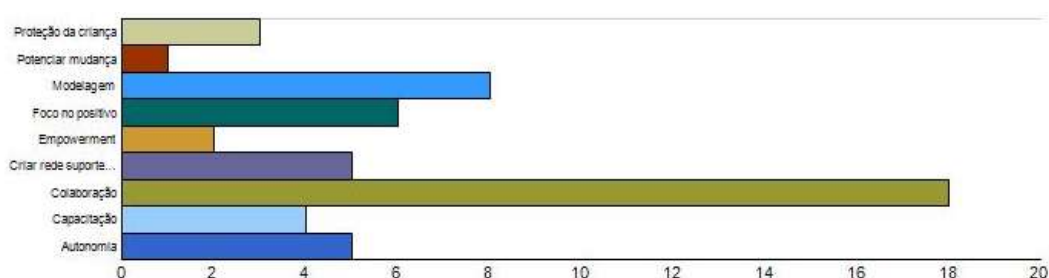
*Quais são os objetivos das intervenções com famílias pobres multidesafiadas?*

**Gráfico 1.** Objetivos dos Programas de Apoio referenciados pelas famílias apoiadas



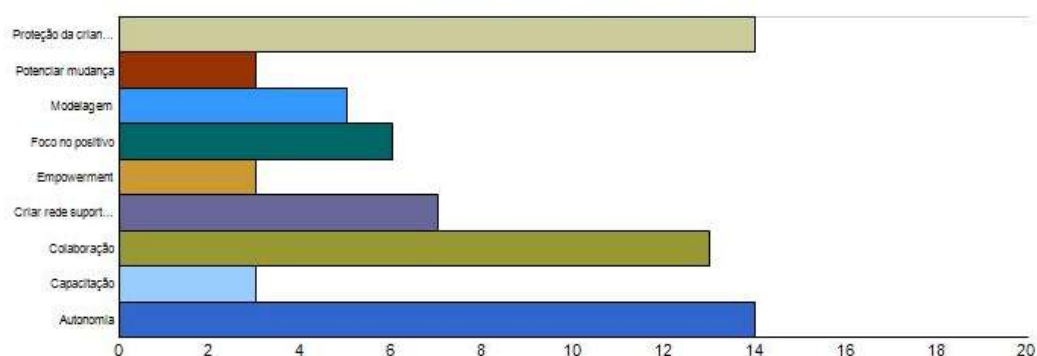
Como podemos verificar no Gráfico 1, referente aos objetivos relatados pelas famílias participantes nos programas de apoio, o objetivo mais referido é *Criar rede de Suporte social* com um total de oito referências, seguindo-se a *Colaboração* e a *Autonomia* ambas com duas referências. Por último, com uma referência, está o *Foco no positivo*.

**Gráfico 2.** Objetivos dos Programas de Apoio referenciados pelos profissionais.



Relativamente aos profissionais a categoria mais referenciada é a *Colaboração* num total de 18 referências, como podemos ver no seguinte exemplo: «Nós sabemos que temos de respeitar o outro para criar empatia, e para conseguirmos criar relação temos de o respeitar, temos de ter uma postura de colaboração» (e.g. C.; CAFAP) seguindo-se a *Modelagem* com 8 referências, «Acho que nós aqui, sim, conseguimos quer através do tal ser um exemplo ou ser modelo ou através das competências e talentos que vamos potenciando. Acho que tudo isso contribui para o mesmo bolo que é o construir um projeto de vida homogéneo» (e.g. E.; Mais Skillz).

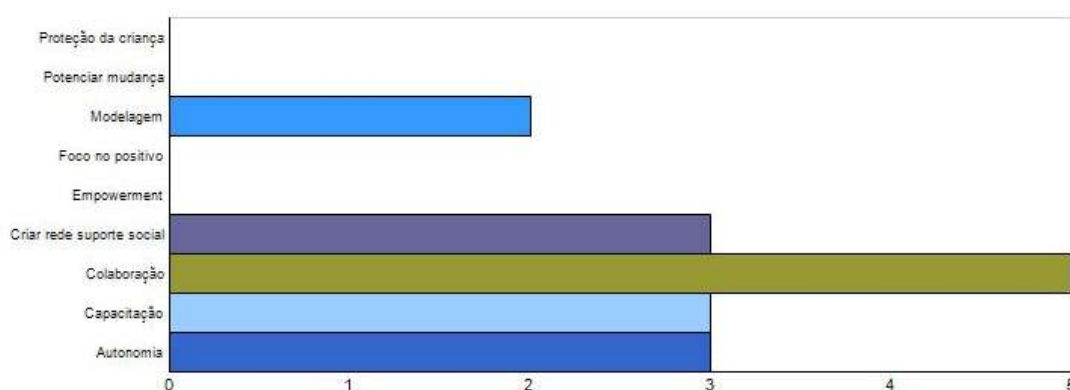
**Gráfico 3.** Objetivos dos Programas de Apoio referenciados pelo coordenador.



Tendo em conta as entrevistas aos coordenadores dos respetivos programas de apoio os objetivos mais referenciados são a *Autonomia* das famílias num total de 14 referências, exemplo disto: «No fundo, nós ajudamos as pessoas a ajudarem-se a si próprias, em última análise, isto é um conceito assim um bocado grande mas é um bocado isso, no fundo o que nós queremos aqui é dar ferramentas às pessoas para elas crescerem por si e não estar constantemente neste ciclo de assistência» (e.g. E., Mais Skillz) e a categoria *Proteção da Criança* também com 14 referências, como é exemplo: «O primeiro valor é a segurança das crianças, este projeto surge para as crianças, para afastar o risco das crianças e um bocadinho em contraponto com afastar as crianças do risco portanto tenta-se eliminar o risco que haja dentro das famílias a que as crianças estão expostas dentro das famílias, esse é o primeiro» (e.g. M., Projeto Família).

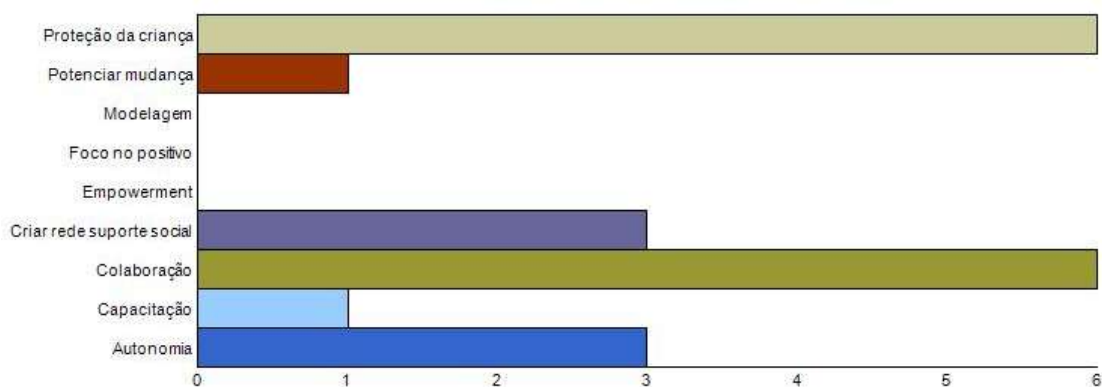
*Que diferenças existem relativamente aos objetivos de diferentes programas Programas de Apoio Formal?*

**Gráfico 4.** Objetivos de intervenção do Projecto Mais Skillz



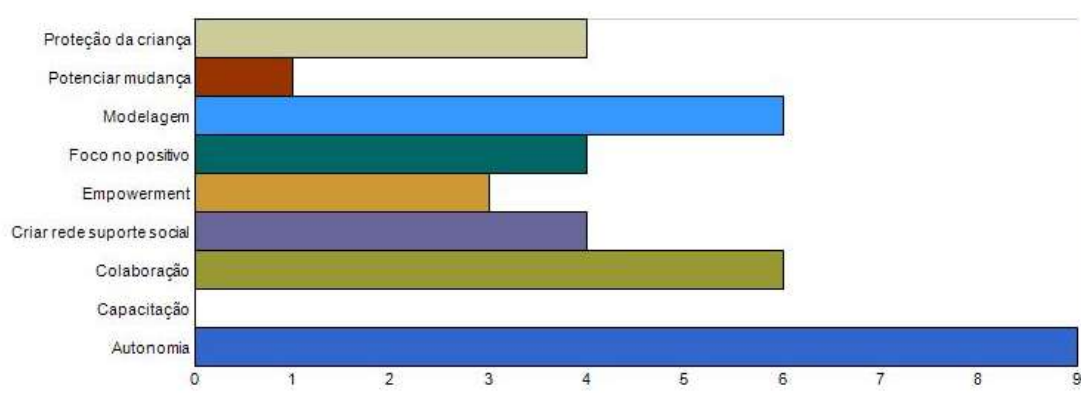
Tendo em conta a totalidade da amostra do projeto, o objetivo com maior número de referências é a *Colaboração* de que é exemplo: «Nós no limite, até podemos dizer que não estamos a ensinar nada, estamos a proporcionar momentos de partilha que as pessoas, através das experiências uns dos outros» (e.g. E.; Mais Skillz). Seguindo-se de *Autonomia*, *Capacitação* e *Criação de Rede de Suporte Social*.

**Gráfico 5.** Objetivos de intervenção do Projeto Família.



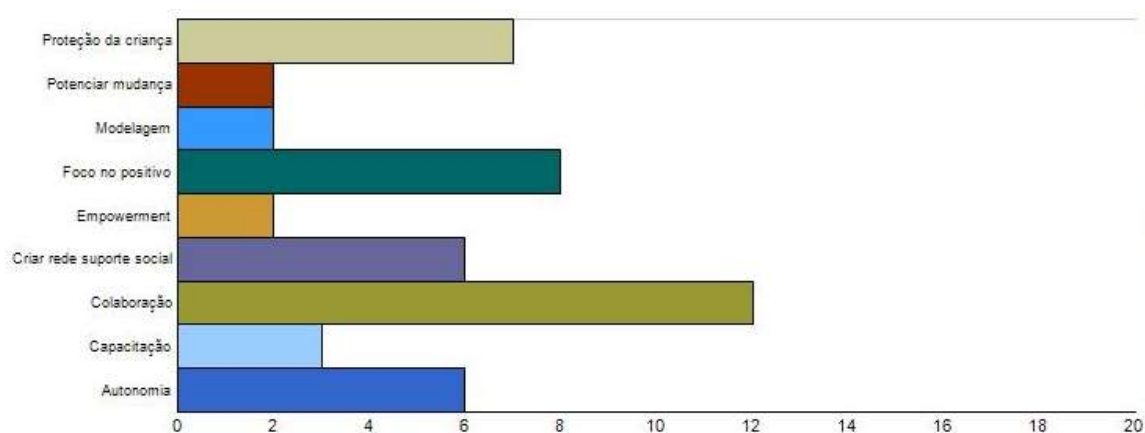
Relativamente ao Projeto Família, os objetivos que foram destacados pelos participantes foram a *Colaboração*: «Não é o técnico que marca objetivos para as famílias, a família é que marca os seus próprios objetivos, em coordenação com o técnico, como é evidente, mas a família marca e semanalmente eles são avaliados com a família» (e.g. M.; Protejo Família)- e a *Proteção da Criança*, de que é exemplo: «O primeiro valor é a segurança das crianças, este projeto surge para as crianças, para afastar o risco das crianças e um bocadinho em contraponto com afastar as crianças do risco portanto tenta-se eliminar o risco que haja dentro das famílias a que as crianças estão expostas dentro das famílias, esse é o primeiro» (e.g. M.; Projeto Família).

**Gráfico 6.** Objetivos de intervenção do Projeto Pressley Ridge



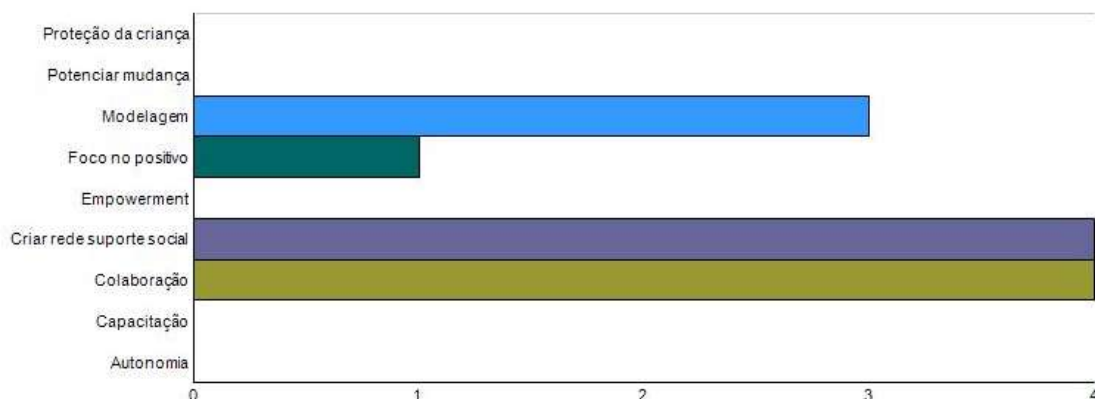
Em relação ao projeto Pressley Ridge, o objetivo que mais se destaca, com um total de 9 referências é *Autonomia*, como é exemplo: «O nosso objetivo é mesmo sermos temporários na vida das pessoas, conseguir actuar numa determinada altura, capacitar, apoiar e depois permitir que as pessoas se autonomizem» (e.g.K.; Pressley Ridge). Dando também ênfase à *Colaboração* e *Modelagem*, com um total de 6 referências.

**Gráfico 7.** Objetivos de intervenção do CAFAP



No projeto CAFAP, o objetivo que mais se destacou foi a *Colaboração*, num total de 12 referências, como podemos ver no exemplo: «E esta pergunta não é feita entre CAFAP, é entre CAFAP e família. Pronto, isto na avaliação, na intervenção tentamos sempre que seja definida com a família, e o limite disso é onde coloca a criança em perigo, portanto nós aquelas necessidades que nós identificamos que já passam para além daquilo que é reconhecido pela família mas que de facto são essenciais para que a criança esteja de alguma forma protegida, nós incluímos também na intervenção» (e.g. G.; CAFAP).

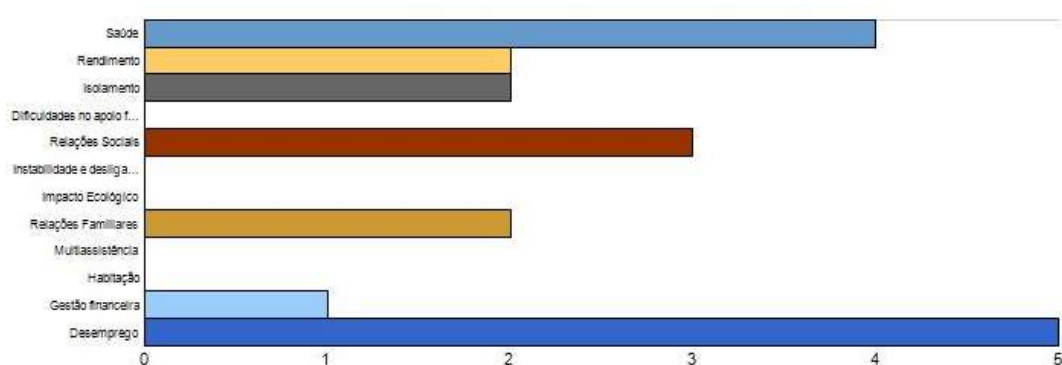
**Gráfico 8.** Objetivos de intervenção do Projeto A PAR.



Observando o projeto A PAR, os objetivos que mais se destacam são a *Colaboração* e *Criar rede de suporte social*, ambos com quatro referências. Relativamente à *Colaboração*, temos como exemplo: «Não, porque não vamos no conceito de vamos para lá ensinar isto, aquilo não, nós aprendemos, eles aprendem, nota-se que há ali uma grande aprendizagem, uma troca, uma partilha de aprendizagem de experiências de vida que saímos muito mais ricos em cada sessão» (e.g. M., A PAR).

*Quais são as fragilidades que são percebidas pelas famílias e pelos profissionais?*

**Gráfico 9.** Fragilidades referidas pelas famílias participantes em Programas de Apoio.



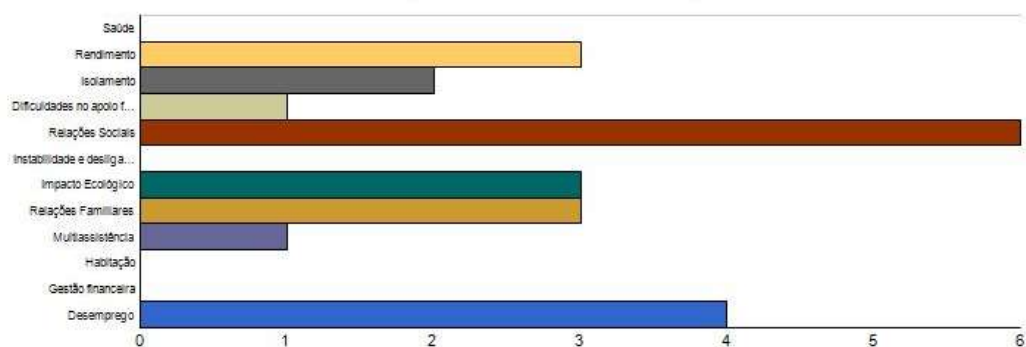
Como podemos observar no gráfico 4 apresentado, a fragilidade que as famílias mais referem é ao nível do *Desemprego*: «Primeiro de tudo, agora encontrar um trabalho e ficar fixa ou pelo menos 6 meses sei lá como garantia, não sei qualquer coisa assim, um trabalho e depois logo conciliava horário, terminar a escola, e aos poucos as

dívidas principalmente que não me deixam dormir, mesmo com comprimidos não durmo» (e.g. Participante 1, Pressle Ridge)

Segue-se a categoria *Saúde*: «Sim, decidi começar porque a minha filha na altura estava com uns problemas de saúde e ela andava triste. Teve um ano com problemas de saúde, agora já está melhor, mas na altura como estava meio tristonha eu decidi entrar para conhecer o projeto e achei que foi uma mais-valia e uma coisa para ajudar a animar a minha filha foi o objetivo» (e.g. Participante 2, A PAR).

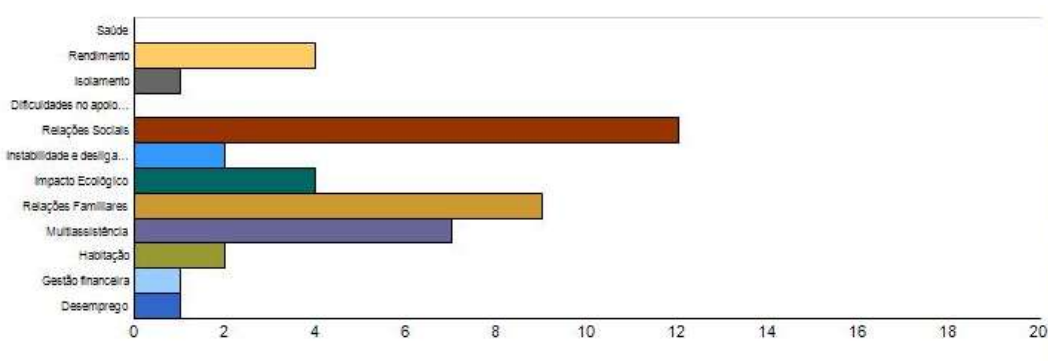
Segue-se a categoria *Relações Sociais*: «Para mim tem sido todo esse apoio que as pessoas me têm dado, porque acho que me sentia um pouco perdida se não o tivesse tido e não tinha a quem recorrer e acho que foi isso» (e.g. Participante 2, CAFAP)

**Gráfico 5.** Fragilidades referidas pelos profissionais em Programas de Apoio.



Nos profissionais, como podemos perceber pelo gráfico apresentado, a categoria mais referida ao nível das fragilidades são as *Relações Sociais*: «Em termos de rede informal, são pessoas que têm muita dificuldade, pelo menos eu às vezes sinto isso, estão muito isolados. Por exemplo, às vezes nos grupos quando falamos que é bom recorrermos aos amigos ou a uma pessoa que tenham em quem possam confiar, pedir ajuda, têm muita dificuldade» (e.g. C., Projeto Família).

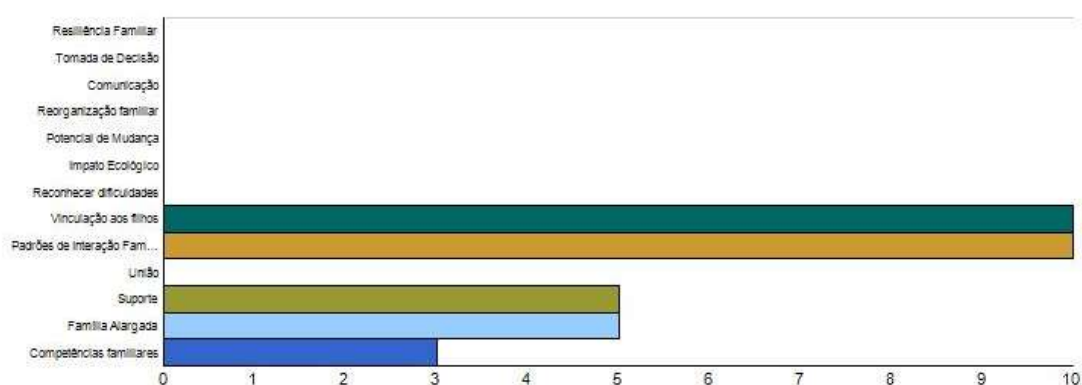
**Gráfico 6.** Fragilidades referenciadas pelos coordenadores dos respectivos Programas de Apoio.



Os coordenadores, além das Relações Sociais, dão ainda ênfase às Relações Familiares: «A dificuldade de estabilidade nas relações entre estas senhoras e os seus companheiros, ao longo da vida. Elas têm vários companheiros e, de cada companheiro, têm pelo menos um filho; nota-se que há aqui uma... não há, são raras as mães com quem nós trabalhamos que o companheiro é o mesmo ao longo de vários anos, o que provoca aqui uma grande instabilidade» (e.g. K., Pressley Ridge).

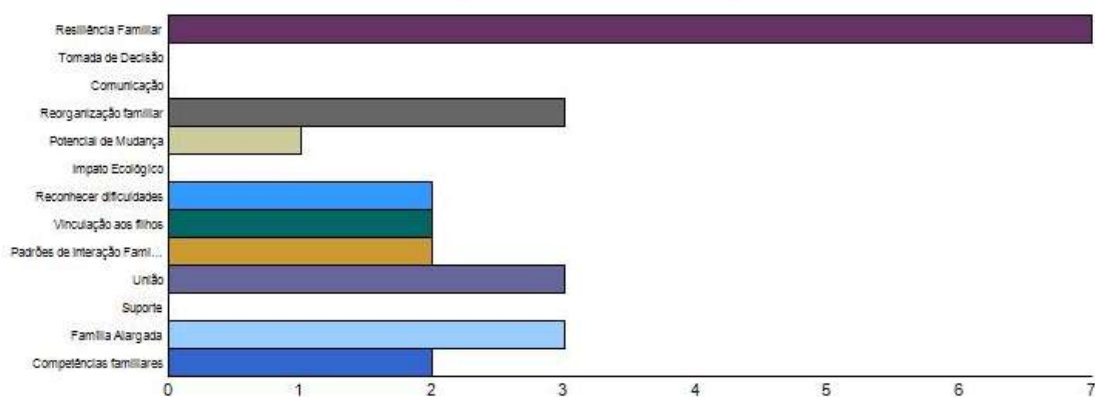
*Que forças familiares são percebidas pelas famílias e pelos profissionais?*

**Gráfico 7.** Forças familiares referenciadas pelas famílias participantes em Programas de Apoio.



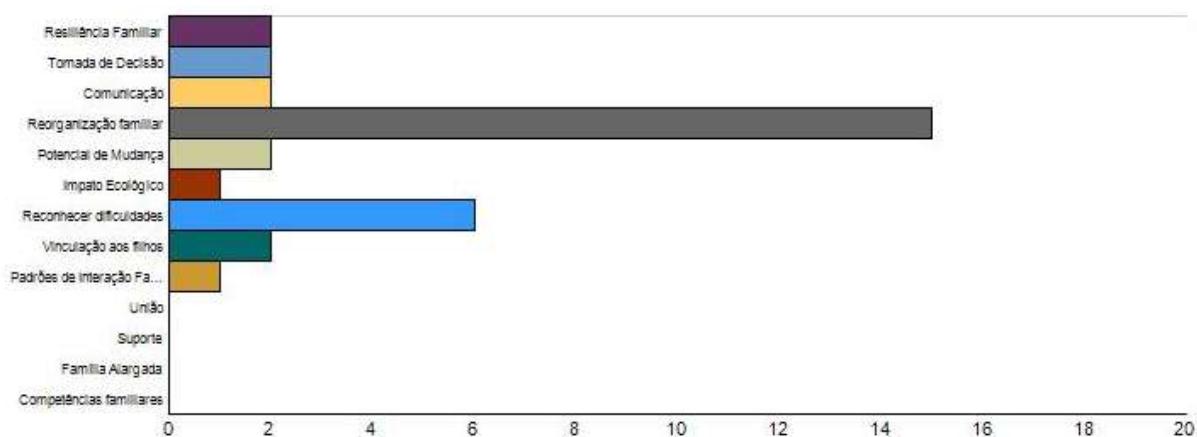
Relativamente às forças familiares, as famílias referem dentro da categoria *Padrões de Interação Familiares*, a *Vinculação aos filhos*: «Aproveitar muito os momentos com os meus filhos, cada cinco minutos entre o comer está no fogão e estão a fazer os trabalhos, estamos a brincar, às vezes até sou pior do que eles, deitada ali no chão.» (e.g. Participante 1, Pressley Ridge).

**Gráfico 8.** Forças familiares referenciadas pelos profissionais dos Programas de Apoio.



Como se observa no gráfico 8, ao nível das forças familiares, os profissionais destacam a *Resiliência Familiar* com um total de 7 referências, exemplo disto: «Olha uma dela é a resiliência porque enfim, com todas as adversidades elas mantêm-se, elas vão tentando arranjar uma forma de sobreviver portanto se elas têm essa capacidade muitas outras hão-de lá estar, estão é submersas nestas problemáticas.» (e.g. A., PR).

**Gráfico 9.** Forças familiares referenciadas pelos coordenadores dos Programas de Apoio.



Tendo em conta as entrevistas realizadas aos coordenadores, a categoria mais referida foi a *Reorganização Familiar*: «A capacidade de se reorganizarem, a capacidade de tomar decisões de uma forma confiante e consistente, ok, a capacidade de comunicar.» (e.g. CAFAP).

*Existe relação entre os objetivos da intervenção e as fragilidades percebidas?*

Tendo em conta a relação entre o total das fragilidades e os objetivos da intervenção existem um total de 4 referências em que existe relação.

Posto isto, podemos ver que existe relação entre o objetivo *Criar rede de suporte social* e as fragilidades relacionadas com as *Relações Sociais* com um total de três referências, exemplo disto: «Acho que a intervenção do CAFAP fortalece e potencia a rede de suporte e em relação à consistência da rede de suporte, de perceber dentro da sua rede quais é que são as relações mais consistentes e as menos consistentes. Nós

conseguimos perturbar outra vez a visão para perceber dentro da sua inconsistência o que é que é mais inconsistente e de que forma é que se pode tornar algumas mais consistentes e fortalecer esta rede de suporte que às vezes é muito reduzida» (e.g. C., CAFAP).

*Existe relação entre os objetivos da intervenção e as forças familiares percebidas?*

Tendo em conta a relação entre o total das forças e os objetivos da intervenção existem um total de 15 referências em que existe relação.

Posto isto, nas sub-categorias evidenciou-se uma relação entre o objetivo *Autonomia* e a *Reorganização Familiar* (33.8%): «Se eu não consigo estar um mês e meio com aquela família e foi nesse mês e meio que a mudança, que aquele clique aconteceu eu sinto-me a pessoa com mais sucesso no mundo porque significa que eu autonomizei processos» (e.g. G., CAFAP) e também entre *Autonomia* e a *Vinculação aos filhos* (17.14%) como se verifica no exemplo: «Eu acho que é este acreditar que leva muitas vezes a que as pessoas possam sempre ir mais longe, onde é que nós vemos depois isto a refletir-se na melhoria das relações pais-filhos, nas pessoas sentirem-se mais capazes e essa sensação ao sentimento de capacidade é o que permite a médio longo prazo a autonomização das famílias, o deixarem de precisar de nós é muito por aí que nós vemos o resultado dessa capacitação» (e.g. K., Pressley Ridge).

Verificou-se, ainda, uma relação entre *Capacitação* e *Vinculação aos filhos* (15.14%) como podemos observar: «Nós queremos capacitar as famílias, queremos que elas sintam que são os importantes formadores dos seus filhos, elas enquanto famílias. Não são os professores, não são todos os outros adultos que depois virão no futuro, mas elas são mesmo as pessoas mais importantes» existe também relação (e.g. M., A PAR) entre *Capacitação* e *Resiliência Familiar* (14.32%): «E o importante é pegar nessas forças e dar-lhes ainda mais... era nisso que estava a pensar o nosso papel e o que pode fazer diferença ou trazer oportunidade, daquela história de vida em que sempre foram resilientes é que agora nós estamos ali e que mais uma vez nós vamos orientar» (e.g. B., CAFAP).

Relativamente ao objetivo *Colaboração*, verificou-se uma relação com a força familiar *Reconhecer dificuldades*: «Acreditamos que se uma família estiver numa determinada crise, numa fase de crise e, se reconhecer essa mesma crise terá uma grande capacidade de resolução dos problemas, conseguirá arranjar aqui algumas

formas de motivação para resolver esses mesmos problemas, daí a grande importância de os incluir neste processo todo de resolução» (e.g. N., Projeto Família); com a força *Potencial de mudança* (14.02%): «Eu tenho meios para dizer há um elevado potencial de mudança porque há reconhecimento, ela está motivada para continuar com o nosso acompanhamento e coopera porque me recebe com a maior das cordialidades» (e.g. G., CAFAP).

Verificou-se ainda uma relação entre *Modelagem e Resiliência Familiar* (50%): «Em relação à sua capacidade de resiliência e ver que um dos aspetos que são mais focados para eles como importantes são para o seu desenvolvimento, para a sua auto-estima e capacidade de lidar com o mau e com o bom, tinha muito a ver com os modelos e foi maravilhoso ver que a maior parte dos modelos mais fortes eram pessoas da nossa equipa» (e.g. S., Pressley Ridge).

### 3.2. Estudo Quantitativo

Após a introdução dos resultados do QFF no software *SPSS – Statistical Package for the Social Sciences*, como referido anteriormente, procedeu-se ao tratamento dos *missing values* através do teste *Missing Values Analysis* através do *Estimated Means*.

Posto isto, procedeu-se à averiguação da normalidade da população através do teste *Kolmogorov-Smirnov*. Visto que todos os itens e escalas apresentam valores superiores a 0.05 comprova-se a distribuição normal da população.

Posteriormente, procedeu-se à avaliação da consistência interna de cada uma das escalas

do QFF através do *Cronbach's Alpha*.

**Quadro 1.** Média, desvio-padrão, valores mínimo e máximo e Alfa de Cronbach de cada uma das escalas do Questionário das forças Familiares.

	N	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo	Alfa de Cronbach
QFF- Organização Familiar	30	39.14	7.01	29	50	0.85
QFF – Crenças familiares positivas	30	27.14	4.72	15	35	0.81
QFF – Gestão positiva de recursos, suporte familiar e resolução de problemas	30	27.55	9.03	19	70	0.61
QFF- Emoções Positivas	30	19.26	3.17	25	19.26	0.76
QFF-Índice Máximo de Forças	30	114.47	29.67	81	242.6	9.18

### 3.2.1. Estudos Correlacionais

Relativamente ao cruzamento do tempo de permanência das famílias em programas de apoio e o total do QFF pudemos observar que não existe correlação significativa entre as duas variáveis.

**Quadro 2.** Correlação de Pearson entre o Tempo de Permanência em Programa e as subescalas do QFF

	Tempo	Organização Familiar	Crenças Familiares Positivas	Gestão positiva de recursos...	Emoções Positivas	Índice Máximo
Tempo	1	-.095	.042	.102	-1.61	.072
Organização Familiar	-0.95	1	.616**	.503**	.782**	.697**
Crenças Familiares Positivas	.042	.616**	1	.398*	.678*	.520**
Gestão positiva de recursos...	.102	.503**	.398*	1	.575**	.957**
Emoções Positivas	-1.61	.782**	.678**	.575**	1	.721**
Índice	0.72	.697**	.520**	.957**	.721**	1

\* Correlação significativa ao nível de 0.01  
 \*\* Correlação significativa ao nível de 0.05

Os resultados apresentados revelam que não existe uma correlação significativa entre o tempo de permanência em programa e as sub-escalas do QFF.

#### IV. Discussão

A presente investigação teve como objetivo compreender a relação entre os objetivos dos programas de apoio formal e as fragilidades e forças familiares e ainda compreender que forças familiares são percebidas pelas famílias acompanhadas pelos respectivos programas.

Relativamente aos objetivos das intervenções, explorados no estudo qualitativo, olhando quer no panorama geral de todos os programas de apoio formal, quer tendo em conta cada programa individualmente, os objetivos que mais se evidenciaram foram a colaboração e a autonomia. Minuchin, Colapinto e Minuchin (1998) referem que a colaboração implica que as pessoas estejam em contacto entre si, que partilhem informação e que resolvam problemas com esforço de ambas as partes e vêem a colaboração como um motor de mudança para um novo ponto de equilíbrio, o que indica que os programas de apoio seguem as evidências da literatura, e por outro lado, estes resultados indicam que uma intervenção colaborativa permite que a família em acompanhamento tenha voz acerca das suas necessidades e do apoio que deseja receber. Deste modo, a colaboração abrirá espaço à autonomia, enfatizando a capacidade da família para mobilizar recursos a seu favor.

Berg & De Gong (1996) salientam a importância das intervenções focadas nas soluções e nas características positivas da família, defendendo que esta forma de intervir potencia a criação de novos significados para as famílias. O foco no positivo é destacado sobretudo pelas famílias o que demonstra que reconhecem isso nos profissionais que as acompanham.

Sousa & Rodrigues (2009) destacam a importância de abordagens que promovam o desenvolvimento de forças familiares recorrendo aos recursos da rede formal e informal. No presente estudo a criação de rede de suporte social é referida como um dos principais objetivos para os profissionais. Também as famílias referem a rede de suporte informal como uma área em que reconhecem mudanças positivas (e.g. «Pensei que fosse só conhecê-las e somos do bairro e moramos juntas, fazemos aqui atividades juntas, mas não estava à espera de encontrar, posso chamar amigas ou aquele ombro amigo para os momentos em que eu estava mais em baixo.» Participante 1, PR). Orthner Jones-Sanpei e Williamson (2004) apontam o suporte social como a área mais vulnerável das famílias multidesafiadas e assinalam a rede de suporte como uma potencial fonte de forças para estas famílias. Os dados que revelam a criação de rede de

suporte social como uma importante área de intervenção para profissionais o que revela que reconhecem de fragilidades nesta área, que, por sua vez, é consonante com a literatura (Alarcão, 2002; Sousa, 2005). Por outro lado as famílias revelarem mudanças positivas nesta área demonstra alguma eficácia das intervenções e o potencial de mudança que o fortalecimento da rede pode trazer, tal como indica Orthner Jones-Sanpei e Williamson (2004).

No que diz respeito à relação entre os objetivos e as fragilidades verifica-se que os profissionais pretendem promover autonomia nas famílias como forma de combater a multiassistência. Apesar de no presente estudo não ser consensual para todos os profissionais a consideração da multiassistência como uma vulnerabilidade (e.g., *«Isto é ambíguo porque se por um lado a busca deste multiassistencialismo pode ser assim uma limitação enorme por outro lado pode também demonstra este lado da procura de soluções para as vidas deles.»*), a literatura considera que o acompanhamento por diversos profissionais em simultâneo pode despontar problemas na relação da família com os serviços de apoio (Sousa, 2005; Imber-Black, 1988; Colapinto, 1995). Apesar de, neste estudo, a multiassistência ter também sido considerada uma fragilidade, a visão positiva de apoio a múltiplos serviços por parte das famílias como uma forma criativa de encontrar soluções, merece destaque na medida em que permite um olhar positivo perante esta característica das famílias pobres multidesafiadas.

No presente estudo a força salientada pelas famílias em acompanhamento foi o vínculo filial, o que é coerente com o estudo de Sousa e Ribeiro (2005) que refere que as famílias pobres multidesafiadas tendem a percecionar as suas competências no interior do funcionamento familiar.

Quanto aos profissionais e coordenadores dos programas de apoio formal tendem a realçar a resiliência e a reorganização familiar das famílias multidesafiadas, Ausloos (1996) sugere o postulado da competência que refere que todos os sistemas vivos são capazes de resolver os problemas que colocam a si próprios, ou seja, face às dificuldades os sistemas equilibram-se permanentemente para assegurar a sua própria sobrevivência e a dos seus membros. Este conceito pode estar relacionado com a capacidade de resiliência e reorganização emergentes neste estudo. Tal como refere Orthner Jones-Sanpei e Williamson (2004), a resiliência surge de uma confiança da família na sua capacidade de resolução de problemas. Posto isto, é importante realçar que a capacidade de resiliência e de reorganização familiar é apenas referida pelos profissionais. As famílias não fazem referência a estas competências, o que poderá

indicar que não reconhecem em si e na sua família esta capacidade, não tendo desenvolvido suficiente confiança na sua capacidade de resolver problemas e ultrapassar dificuldades. Pode, então, ser necessário um maior investimento no trabalho realizado de forma a aumentar a confiança que as famílias têm em si próprias.

Na presente investigação evidencia-se uma relação entre os objetivos de intervenção - autonomia, capacitação e colaboração - encontrados nesta investigação e as forças familiares mais destacadas - vínculo filial, resiliência e reorganização familiar. É possível assim ponderar que, promovendo uma intervenção colaborativa que permita capacitar e desenvolver autonomia nas famílias, podem ocorrer melhorias na relação pais-filhos, bem como, aumentar a resiliência e reorganização familiar. Alarcão (2002) indica que valorização de competências é uma forma de capacitação que permite que as famílias estejam mais aptas a compreender as suas necessidades, para atualizar os recursos que possuem e gerar desenvolvimento. Corrobora, assim, que uma intervenção colaborativa que capacita a família, aumenta a sua capacidade de reconhecer dificuldades e mobilizar recursos, aumentando a sua resiliência, reorganização familiar e relações familiares.

A maioria dos objetivos de intervenção dos programas de apoio formal que participaram na presente investigação relacionam-se principalmente com forças familiares (15 referências) e de forma menos acentuada com as vulnerabilidades (4 referências), o que revela que a intervenção está a caminhar no sentido de uma abordagem centrada nas forças contrariamente a Sousa, Ribeiro e Rodrigues (2006) observaram, no seu estudo, que os profissionais utilizam uma abordagem centrada nas forças ainda que recorram complementarmente a uma abordagem centrada no défice.

Este dado pode estar relacionado com outro fator interessante que surgiu neste estudo: os profissionais, ao referirem que os valores que pretendem potenciar nas famílias através da sua intervenção são também os valores que têm para si e simultaneamente os valores seguidos pela instituição: *«Uma das coisas que eu disse sempre é que se nós conseguirmos aplicar a nós próprios e à nossa equipa aquilo que nós queremos que aconteça com as pessoas com quem trabalhamos as coisas vão acontecer naturalmente, nós temos uma filosofia de valores e se a conseguirmos praticar aqui no nosso dia-a-dia o resto vai acontecer e vai surgir naturalmente com o nosso público-alvo»* (e.g. K. Pressley Ridge); *«Quando fundamentarem os valores do vosso projeto, da vossa instituição pensem que são valores que vocês querem que a família também sinta e para isso tem que os colocar nos vossos procedimentos, no*

*vosso manual, no vosso funcionamento»* (e.g. G., CAFAP). Isto parece revelar que existe modelagem quer entre profissionais, quer entre famílias e profissionais permitindo assim inferir que profissionais mais competentes irão potenciar que a família que acompanham seja também mais competente.

Relativamente ao QFF, Melo e Alarcão (2011) na amostra clínica encontraram as seguintes médias e desvios-padrões: *Organização Familiar Positiva* (39.15; 8.09); *Crenças Familiares Positivas* (27.23; 5.27); *Gestão Positiva dos Recursos, Suporte Familiar e Resolução de Problemas* (26.63; 5.57); *Emoções Positivas* (19.16; 4.13) e *Índice Global de Forças Familiares* (112.30; 21.13). Estes resultados revelam-se coerentes com os resultados que foram encontrados no presente estudo, não se revelando diferenças significativas entre as duas amostras. Deste modo, as famílias pobres multidesafiadas que estavam a ser acompanhadas em programas de apoio formal e participaram na presente investigação têm valores de forças familiares semelhantes ao que seria esperado. Contudo, ao contrário do esperado, não existe relação entre o tempo de permanência em programa e o desenvolvimento de forças familiares e tendo em conta que, dos programas de apoio participantes no estudo, uma parte realiza intervenções em crise e portanto limitadas no tempo e outras não definem um tempo limite para a intervenção, é possível sugerir que o impacto das intervenções é semelhante independentemente da modalidade.

Relacionando as forças encontradas no estudo qualitativo com as forças avaliadas no Questionário das Forças Familiares podemos compreender que não existe concordância, ou seja, as forças encontradas no estudo qualitativo não são as mesmas que são avaliadas no estudo quantitativo, o que sugere que o leque de competências das famílias é bastante variado e que possivelmente existem ainda várias competências que as famílias pobres multidesafiadas possuem e que estão ainda por descobrir.

## V. Conclusão

Após expostos e discutidos os resultados do presente estudo é importante ainda salientar as limitações do mesmo, um factor limitativo que pode ter influência nos resultados é por um lado o baixo número de projetos em que os dados foram recolhidos e as famílias que acabaram por ser escolhidas em função da disponibilidade, ficando isso ao critério do programa de apoio. Mais especificamente no estudo quantitativo, a dimensão da amostra que pode ser limitativa para conclusões a retirar do estudo uma vez que a amostra não é representativa da população.

Ainda assim, a presente investigação cria uma maior consciência para as competências que as famílias reconhecem em si e para as que os profissionais identificam procurando deste modo demonstrar que áreas podem ainda ser alvo de intervenção. Os resultados do estudo indicam ainda algumas dicas importantes para a intervenção, bem como, características da mesma que podem potenciar forças familiares.

Imber-Black (1988) destaca que para a intervenção em rede é essencial uma abordagem colaborativa, em que o profissional não assuma uma posição hierárquica superior e só assim é possível aumentar a esperança e abrir o leque de possibilidades individuais e familiares. Pelos dados revelados, é possível sugerir que os programas de apoio formal estão a seguir esta abordagem e, desta forma, a aumentar o leque de possibilidades existentes para as famílias multidesafiadas e o sistema alargado das mesmas.

Além das características e objetivos das intervenções, outro indicador positivo é o vínculo filial existente nas famílias multidesafiadas, que, tal como referido por Sousa & Ribeiro (2005), parece ser um indicador positivo para as gerações futuras e o aparecimento de diferentes forças familiares no estudo qualitativo e quantitativo são também um indicador das variadas competências que as famílias pobres multidesafiadas possuem.

Em termos de investigações futuras, fica a sugestão de um estudo que foque mais a perspetiva das famílias compreendendo os objetivos que têm para si e ainda perceber que competências existiam antes e depois da intervenção, visto que na presente procurou-se apenas explorar que competências as famílias detinham.

## Referências Bibliográficas

Aires, L. (2011). *Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.

Alarcão, M. (2006). *(Des)equilíbrios Familiares*. Lisboa: Quarteto.

Ausloos, G. (2003). *A competência das famílias*. Lisboa: Climepsi.

Berg, I.K & De Jong, P. (1996) Solution-building conversation: Co- constructing a sense of competence with clients. *Families in Society: The Journal of Contemporary Human Services*, 77, 376-391.

Bhana, A., & Bachoo, S. (2011). The determinants of family resilience among families in low-and-middle- income contexts: a systematic literature review. *South African Journal of Psychology* , 41 (2), 131-139.

Bruto da Costa, A. (1998). *Exclusões Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Cancrini, L., Gregorio, F. & Nocerino, S. (1997). Las famílias multiproblemáticas. In M. Colletti, J. & J. L. Linares (Eds.). *La intervención sistémica en los servicios sociales ante la familia multiproblemática, la experiencia de la ciutat vella*. Barcelona: Paidós.

Dunst, C. J., Trivette, C., & A.G., D. (1994). *Supporting & Strengthening Families*. Cambridge: Brookline Books.

Gómez, E., Muñoz, M. M., & M., H. A. (2007). Familias multiproblemáticas y en riesgo social: características e intervención. *Psykhé* , 16, 43-54.

Guadalupe, S. (2009). *Intervenção em rede: Serviço Social, Sistémica e Redes de Suporte Social*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Imber-Black, E. (1988). *Families and larger systems: a family therapist's guide through the labyrinth*. New York: The Guilford Press.

Johnson, R. B. & Onwuegbuzie, A. J. (2004). Mixed methods research: a research paradigm

whose time has come. *Educational Researcher*, 33(7), 14-26.

- Linares, J. L. (1997). Modelo sistêmico e família multiproblemática. In J. M. Colletti, & J. Linares, *La intervención sistémica en los servicios sociales ante la familia*. Barcelona: Paidós.
- Luthar, S. S., Cicchetti, D., & Becker, B. (2000). The construrt of resilience: A critical evaluation and guidelines for future work. *Child Development*, 71 (3), 543-562.
- Madsen, W. C. (2009). *Collaborative Therapy with Multi-stressed Families*. New York: The Guilford Press.
- Melo, A. (2011). As forças dos profissionais e da família multidesafiada na proteção da criança – um modelo de avaliação e intervenção familiar integrada para os CAFAP. Dissertação de Doutorado não publicada, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Minuchin, S. (1979) *Familles en thérapie*. Paris, J.P. Delarge. Edição original, 1974.
- Minuchin, P., Colapinto, J. & Minuchin, S. (2006). Working with families of the poor (2<sup>a</sup> ed.). New York: Guilford Press.
- Mullin, W., & Arce, M. (2008). Resilience of families living in poverty. *Journal of family social work*, 11 (4), 424-440.
- Orthner, D.K., Jones- Sanpei, H. & Williamson, S. (2004) The Resilience and Strengths of Low- Income Families. *Family Relations*, 53, 159-167.
- Oliveira, M., & Freitas, H. (1998). Focus Group- pesquisa qualitativa: resgatando a teoria, instrumentalizando o seu planejamento. *Revista de Administração*, 33, 83-91.
- Patterson, J. M. (2002). Understanding family resilience. *Journal of Clinical Psychology*, 58 (3), 233-246.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Silva, M. R., Elsen, I., & Lacharité, C. (2003). Resiliência: concepções, fatores associados e problemas relativos à construção do conhecimento nessa área. *Paidéia*, 13 (2), 147-156.
- Sousa, L. (2004). Diagnósticos e Problemas: Uma Perspectiva Sistémica Centrada nas Famílias Multiproblemáticas Pobres. *Psychologica*, 37, 147-167.

Sousa, L. (2005). *Famílias Multiproblemáticas*. Coimbra: Quarteto.

Sousa, L., & Ribeiro, C. (2005). Percepção das famílias multiproblemáticas pobres sobre as suas competências. *Psicologia*, 19, 169-191.

Sousa, L., & Rodrigues, S. (2009). Liking Formal and Informal Support in Multiproblem Low-Income Families: The Role of Family Manager. *Journal of Community Psychology*, 37 (5), 649-662.

Sousa, L., Hespanha, P., Rodrigues, S., & Grilo, P. (2007). *Famílias pobres: desafios à intervenção social*. Lisboa: Climepsi.

Sousa, L., Ribeiro, C., & Rodrigues, S. (2006). Are Practitioners Incorporating a Strengths-Focused Approach when Working with Multi-Problem Poor Families? *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 17, 53-66.

Vaughn, C., Schumm, J., & Sinagub, J. (1996). *Focus group interviews in Education and Psychology*. London: Sage Publications.

## **ANEXOS**

## **Anexo I**

### Questionário das Forças Familiares

## QUESTIONÁRIO DE FORÇAS FAMILIARES

(Ana Melo & Madalena Alarcão, 2009)

Segue-se uma listagem de coisas que por vezes acontecem nas famílias.

Por favor assinale em que medida considera que as características descritas são parecidas com as da sua família, de acordo com a seguinte escala:

- 1- Nada parecidas
- 2- Pouco parecidas
- 3- Mais ou menos parecidas
- 4- Bastante parecidas
- 5- Totalmente parecidas

1. Na minha família somos optimistas e procuramos ver sempre o lado positivo das coisas	1	2	3	4	5
2. Na minha família acreditamos que em conjunto conseguimos sempre encontrar maneira de lidar com os problemas	1	2	3	4	5
3. Na minha família somos muito unidos	1	2	3	4	5
4. Na minha família toda a gente tem o direito de dar a sua opinião	1	2	3	4	5
5. Na minha família tomamos decisões em conjunto	1	2	3	4	5
6. Na minha família sempre que alguém tem um problema toda a gente se junta para ajudar	1	2	3	4	5
7. Na minha família toda a gente dá apoio àquilo que cada um quer fazer, aos projectos individuais e ao que é importante para si	1	2	3	4	5
8. Na minha família cada um tem o direito de ter a sua privacidade, o seu próprio espaço ou tempo	1	2	3	4	5
9. Na minha família as tarefas de casa e da vida familiar são partilhadas	1	2	3	4	5
10. Na minha família mostramos abertamente o que sentimos uns pelos	1	2	3	4	5

outros

- |   |   |   |   |   |   |
|---|---|---|---|---|---|
| 11. Na minha família sentimos que somos capazes de ser felizes apesar das dificuldades que vão ou podem aparecer                | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 12. Na minha família existem regras claras que toda a gente conhece e sabe que tem que cumprir                                  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 13. Na minha família fazemos coisas e actividades em conjunto   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 14. Na minha família há boa disposição e encontramos sempre momentos para rir   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 15. Na minha família toda a gente é capaz de dizer o que pensa e sente, mesmo coisas negativas, sem magoar os outros            | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 16. Na minha família quando aparece um problema importante, conversamos e resolvemo-lo em conjunto                              | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 17. Na minha família temos amigos, vizinhos ou pessoas conhecidas que nos ajudam quando precisamos                              | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 18. Na minha família conseguimos gerir o dinheiro que temos de maneira a conseguir pagar as principais despesas                 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 19. Na minha família sabemos a que sítios temos que nos dirigir para cada dificuldade que surge                                 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 20. Na minha família, quando há problemas com os quais não conseguimos lidar, aceitamos isso e seguimos em frente sem desanimar | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 21. Na minha família acreditamos que todos temos algo a cumprir, uma espécie de missão  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 22. Na minha família há valores que se deseja que toda a gente aprenda  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 23. Na minha família conseguimos lidar bem com imprevistos e dificuldades   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 24. Na minha família acreditamos que os momentos de dificuldade nos podem ajudar a ser mais fortes                              | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 25. Na minha família é importante que cada um tente ser feliz   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 26. Na minha família conseguimos resolver um desacordo sem conflitos  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 27. A minha família consegue encontrar ajuda, quando precisa, nas pessoas que conhece   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 28. Na minha família conseguimos discutir pontos de vista diferentes sem ficarmos zangados uns com os outros                    | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

29. Na minha família as decisões importantes, que afectam todos, são  
tomadas em conjunto

**1 2 3 4 5**

Muito Obrigada pela sua colaboração!

## **APÊNDICES**

## **Apêndice I**

Termo de Consentimento Informado

## Consentimento de participação em Investigação

No âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, estamos a desenvolver uma investigação que tem como objetivo identificar em projetos nacionais de intervenção social, boas práticas de intervenção com famílias.

Neste sentido, gostaríamos de pedir a sua colaboração para o presente estudo.

Assume-se como compromisso:

1. A participação dos elementos da instituição será completamente **voluntária e anónima**.
2. Autorizo a **divulgação do nome da instituição** para efeitos de análise de dados da investigação.
3. A informação tem como fim apenas a investigação, não influenciando de forma alguma o apoio que lhe é prestado atualmente.
4. A informação obtida é absolutamente **confidencial**.

Agradecemos a sua disponibilidade e colaboração.

Lisboa, \_\_/\_\_/\_\_

Tomei conhecimento

---

As investigadoras,

Ana Tavares e Joana Silva

**Sob orientação da Professora Doutora Maria Teresa Ribeiro**

**Co-orientação da Doutora Maria Minas**

## **Apêndice II**

### **Questionário Socio-demográfico**

## QUESTIONÁRIO SÓCIO-DEMOGRÁFICO

De que forma participa neste projecto/instituição? Que papel desempenha?

- Participante
- Profissional
- Outro

Há quanto tempo está envolvido(a) no projecto/instituição?

De que maneira contribuiu para esta investigação? Participando numa:

- Conversa informal
- Entrevista individual
- Entrevista colectiva (Focus-group)

Dados Pessoais

Idade:

Sexo: Feminino  Masculino

Nível de escolaridade:

Nacionalidade:

Etnia:

Profissão:

## **Apêndice III**

**Guião da Entrevista Semi-Estruturada a Profissionais**

## ENTREVISTAS INDIVIDUAIS – PROFISSIONAIS

### Características da intervenção no projecto

- Se o projecto pudesse falar o que diria acerca de si mesmo? (Perguntas para fazer caso ajude a completar: Em que princípios/pilares/valores em que assenta o vosso trabalho? Quais são os objectivos do vosso projecto? Qual é a vossa missão? Que traços destacariam mais se tivessem que descrever a vossa metodologia e forma de intervir?)
- Como descreveria as famílias/indivíduos que acompanha e apoia? (Para completar: potencialidades, dificuldades, características da rede social – forças e vulnerabilidades)
- Quais são as principais forças que procuram desenvolver nas famílias?
- A que níveis da rede é que o projecto tem acção/intervém?
- Que modificações observam na rede social das famílias que participam no projecto?
- Como definiria as relações que estabelecem no projecto – entre a equipa de trabalho e com as famílias que acompanham?
- Quais pensa ser os elementos chave/segredos para o sucesso do vosso programa?
- Como é que medem e como consideram que pode ser medido o sucesso e eficácia do programa?
- O que considera ser uma intervenção eficaz e uma intervenção de sucesso? | Que factores considera que mais contribuem para o sucesso da intervenção?
- De que modo promovem/conseguem a sustentabilidade financeira do programa?
- Quais são as maiores dificuldades e constrangimentos? Como é feita a gestão? Quais considera as maiores limitações ou as áreas que necessitam melhorar e mudar?
- Exemplo de um caso que considere ter sido bem-sucedido.
- Que “truques” transmitiriam a alguém que estivesse a montar um projecto semelhante ao vosso? (Estratégias de sustentabilidade financeira).

## **Apêndice IV**

### **Guião da Entrevista Semi-Estruturada às Famílias**

## **Entrevistas Individuais Participantes – 2º Estudo | 2ª versão**

Como conheceu o programa/instituição?

Porque decidiu frequentá-lo e porque continua a participar?

Como descreve a instituição?

O que considera que funciona melhor? Quais considera as maiores vantagens de participar neste programa? Que apoio recebe? Quais considera as coisas mais positivas e importantes do apoio que recebe? (Isto é tudo a mesma pergunta, vejam qual é a maneira como preferem pegar e podem sempre perguntar de outras maneiras para ver se a pessoa tem alguma coisa a acrescentar)

Que novos contactos fez através deste projecto (grupos, organizações, etc.)? Que vantagens lhe têm trazido esses contactos?

De que maneira contribui e participa no programa? Que importância/significado/peso tem para si contribuir?

Como imagina que teria sido a sua vida se não tivesse conhecido este projecto? Que mudanças identifica em si desde que começou a participar no projecto? Olhando para trás/5 anos, o que é que mudou?

Acha que este programa tem influência na sua família e na comunidade em geral? De que maneira?

Como é que tem influência? Exemplos? Qual foi a última vez que sentiu essa influência?

O que gostaria que melhorasse na vida da sua família? Como família, quais são as vossas principais necessidades/preocupações?

Quais são as melhores coisas que a vossa família tem? Quando pensa na sua família do que é que se orgulha?

Quando sente alguma dificuldade a quem costuma recorrer?

Quando é que se sentiram ser olhados como queriam ser olhados? Como é que se sentiram olhados?

Como descreve os profissionais? E a relação que tem com eles?

Que características mais valoriza num bom profissional?

O que o faz confiar e sentir-se satisfeito com um projecto ou profissional?

O que é para si um apoio eficaz? O que é que uma instituição deve ter para considerar que desenvolve um bom trabalho?

O que é que considera que poderia melhorar?

O que é necessário acontecer para este apoio deixar de ser necessário e terminar?

## **Apêndice V**

### **Guião do *Focus Group***

## **FOCUS GROUP COM PROFISSIONAIS**

### **1. Boas vindas| Welcome**

- Agradecer a colaboração e disponibilidade, explicando que estarão a beneficiar a nossa investigação e a disseminação de boas-práticas e bons exemplos.

### **2. Objectivo do Focus Group**

- Falar das vantagens do focus group – múltiplas perspectivas.
- Intervenção – relação – famílias pobres multidesafiadas – contexto → como conjugam estes recursos e os potencializam?
- Compreender que perspectivas e crenças/ abordagens teóricas de base / metodologias estão na base de intervenções bem-sucedidas
- Conhecer as estratégias de intervenção e aquilo que os profissionais consideram ser factor chave para os bons resultados do programa
- Reflectir sobre o significado de eficácia e sucesso na intervenção com famílias que vivem em contexto de vulnerabilidade social e económica
- Disseminar bons exemplos

### **3. Explicar a estrutura da sessão| Programa/Agenda**

### **4. Informações| Regras| Ground rules**

- Duração do encontro – 1h30/2h;
- Distribuição igualitária dos tempos de antena – ajudarem-se uns aos outros;
- Procurar focar o tema;
- Autorização gravação;
- Consentimento informado oral;
- Questionário socio-demográfico (pode passar-se no fim, mas não convém ficar esquecido)

### **5. Perguntas e Respostas**

- Se o projecto/instituição pudesse falar o que é que dizia sobre si próprio? (Valores, metodologias, princípios...)
- Como olham para ou Como descreveriam as famílias/individuos/participantes que acompanham? (Para completar a pergunta mais à frente, ou ajudando-os a focar nos seguintes pontos) Que principais potencialidades, dificuldades e características da rede social vos ocorre ao pensar nos participantes?

- Podem dizer 5 coisas positivas sobre o projecto? Quais são os truques/segredos do funcionamento, o que consideram que funciona melhor ou de alguma maneira é chave para a forma como trabalham.
- Pensando tanto enquanto profissionais, como nas famílias, como consideram que a participação no projecto os tem beneficiado/transformado?
- Que conselhos dariam a uma equipa que pretendesse lançar um projecto de intervenção com famílias socialmente e economicamente vulneráveis?

Resumo – o moderador faz um resumo sobre aquilo que emergiu no diálogo/resposta às perguntas chave. Este deve fazer uma ponte com o objectivo inicial que levou a promover o focus group. Temas comuns e pontos de vista contraditórios. Citar algumas coisas que foram ditas. Máximo 3 min.

- É um resumo adequado?
- Gostariam de acrescentar alguma coisa? Há alguma coisa importante que não tenhamos perguntado e gostassem de acrescentar?

### **Encerrar a Sessão**

- Agradecer
- Comentários finais?
- Pedir feedback acerca da experiência e das perguntas. Acrescentariam ou retirariam alguma coisa? Que pergunta lhes fez mais sentido reflectir sobre?

**Apêndice VI**  
Árvores de Categorias

Figura 1. Árvore de Categorias relativa às fragilidades

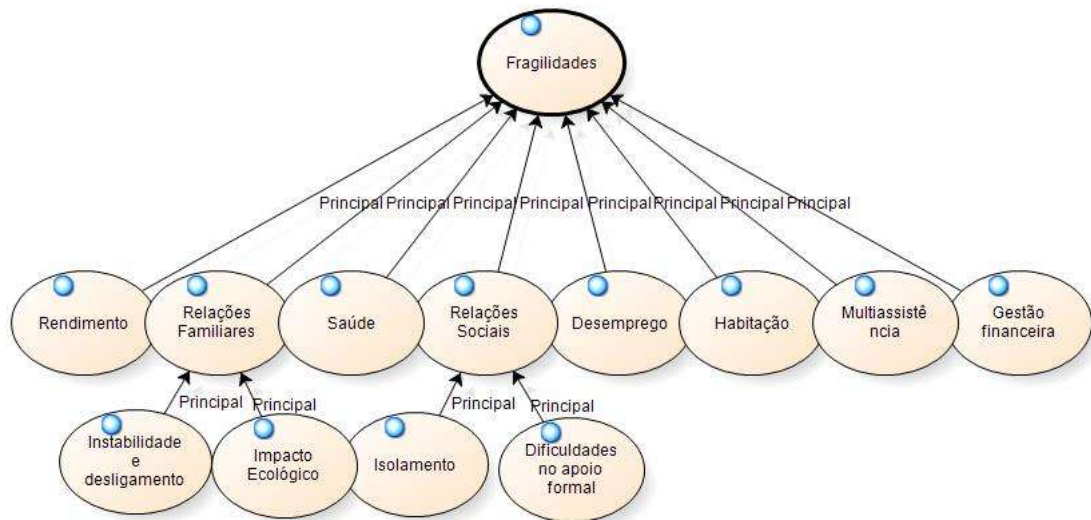


Figura 2. Árvore de Categorias relativa às forças familiares

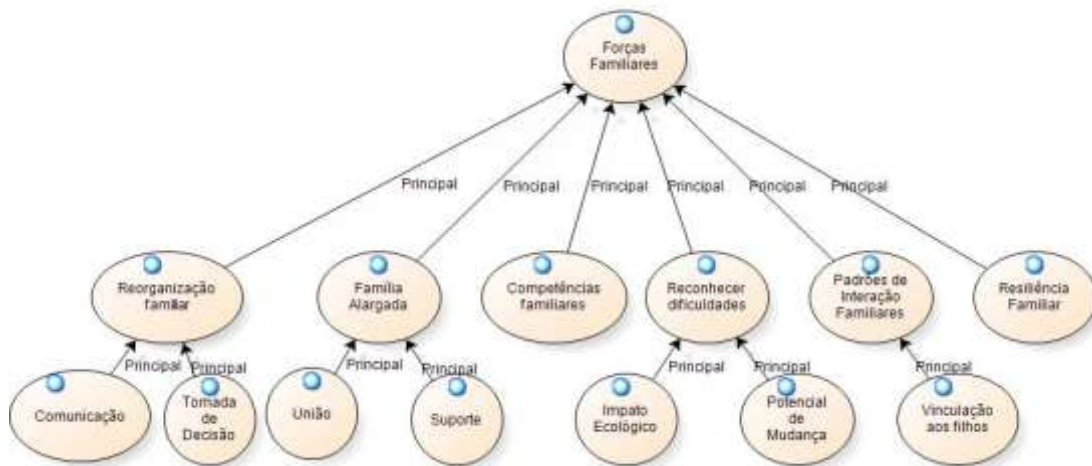
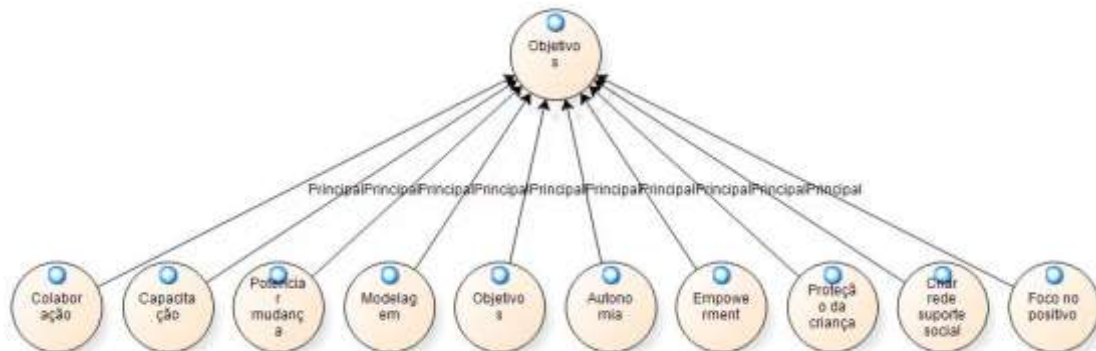


Figura 3. Árvore de Categorias relativa aos objetivos de intervenção



## **Apêndice VII**

### **Relatório de Resumo de Nó**

## Resumo de nó

--	--	--	--	--	--

Tipo de fonte	Número de fontes	Número de referências de codificação	Número de palavras codificadas	Número de parágrafos codificados	Duração codificada
---------------	------------------	--------------------------------------	--------------------------------	----------------------------------	--------------------

### Nó

<b>Apelido:</b>	<b>Nós\\Árvore de Categorias\\Caraterísticas da Intervenção</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	20	161	10,787	165	

<b>Apelido:</b>	<b>Nós\\Árvore de Categorias\\Caraterísticas da Intervenção\\Avaliação</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	3	3	161	3	

<b>Apelido:</b>	<b>Nós\\Árvore de Categorias\\Caraterísticas da Intervenção\\Coerência</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	17	75	4,603	75	

<b>Apelido:</b>	<b>Nós\\Árvore de Categorias\\Caraterísticas da Intervenção\\Coerência\\Acreditar</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	9	13	786	13	

Tipo de fonte	Número de fontes	Número de referências de codificação	Número de palavras codificadas	Número de parágrafos codificados	Duração codificada
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\Árvore de Categorias\Caraterísticas da Intervenção\Coerência\Disponibilidade</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	7	16	823	16	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\Árvore de Categorias\Caraterísticas da Intervenção\Coerência\Empatia</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	6	9	414	9	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\Árvore de Categorias\Caraterísticas da Intervenção\Coerência\Respeito</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	12	32	2,071	32	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\Árvore de Categorias\Caraterísticas da Intervenção\Coerência\Respeito\Individualidade</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	6	10	652	10	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\Árvore de Categorias\Caraterísticas da Intervenção\Coerência\Respeito\Tempo</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	3	5	446	5	

Tipo de fonte	Número de fontes	Número de referências de codificação	Número de palavras codificadas	Número de parágrafos codificados	Duração codificada
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\Árvore de Categorias\Caraterísticas da Intervenção\Coerência\Transparência</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	5	11	731	11	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\Árvore de Categorias\Caraterísticas da Intervenção\Colocar-se no lugar do outro</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	1	3	473	3	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\Árvore de Categorias\Caraterísticas da Intervenção\Consistência Teórica</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	5	8	1,172	10	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\Árvore de Categorias\Caraterísticas da Intervenção\Educação Vivencial</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	2	3	258	3	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\Árvore de Categorias\Caraterísticas da Intervenção\Flexibilidade</b>				

<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	3	10	497	10	
Relatórios\Relatório de resumo de nó			Page 3 of 21		
<b>Tipo de fonte</b>	<b>Número de fontes</b>	<b>Número de referências de codificação</b>	<b>Número de palavras codificadas</b>	<b>Número de parágrafos codificados</b>	<b>Duração codificada</b>
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\Árvore de Categorias\Caraterísticas da Intervenção\Inclusão Social</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	1	1	43	1	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\Árvore de Categorias\Caraterísticas da Intervenção\Informalidade</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	1	3	152	3	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\Árvore de Categorias\Caraterísticas da Intervenção\Proximidade</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	14	21	1,117	21	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\Árvore de Categorias\Caraterísticas da Intervenção\Reflexão</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	2	4	188	4	

<b>Apelido:</b>	<b>Nós\\Árvore de Categorias\\Caraterísticas da Intervenção\Reforço Positivo</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	8	10	665	10	
Relatórios\Relatório de resumo de nó			Page 4 of 21		
<b>Tipo de fonte</b>	<b>Número de fontes</b>	<b>Número de referências de codificação</b>	<b>Número de palavras codificadas</b>	<b>Número de parágrafos codificados</b>	<b>Duração codificada</b>
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\\Árvore de Categorias\\Caraterísticas da Intervenção\Trabalho em equipa</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	11	36	2,473	37	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\\Árvore de Categorias\\Caraterísticas da Intervenção\Trabalho em equipa\Ambiente</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	5	11	646	11	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\\Árvore de Categorias\\Caraterísticas da Intervenção\Trabalho em equipa\Entre-ajuda</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	3	6	414	6	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\\Árvore de Categorias\\Caraterísticas da Intervenção\Trabalho em</b>				

<b>Classificação:</b>	<b>equipa\Formação</b>				
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	6	6	465	6	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\Árvore de Categorias\Caraterísticas da Intervenção\Trabalho em equipa\Humor</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	5	9	534	10	
Relatórios\Relatório de resumo de nó			Page 5 of 21		
<b>Tipo de fonte</b>	<b>Número de fontes</b>	<b>Número de referências de codificação</b>	<b>Número de palavras codificadas</b>	<b>Número de parágrafos codificados</b>	<b>Duração codificada</b>
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\Árvore de Categorias\Caraterísticas da Intervenção\Trabalho em equipa\Supervisão</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	7	8	560	8	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\Árvore de Categorias\Forças Familiares</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	20	60	3,246	61	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\Árvore de Categorias\Forças Familiares\Competências familiares</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	5	5	279	5	

<b>Apelido:</b>	<b>Nós\Árvore de Categorias\Forças Familiares\Família Alargada</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	8	9	282	9	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\Árvore de Categorias\Forças Familiares\Família Alargada\Suporte</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	6	6	233	6	
Relatórios\Relatório de resumo de nó			Page 6 of 21		
<b>Tipo de fonte</b>	<b>Número de fontes</b>	<b>Número de referências de codificação</b>	<b>Número de palavras codificadas</b>	<b>Número de parágrafos codificados</b>	<b>Duração codificada</b>
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\Árvore de Categorias\Forças Familiares\Família Alargada\União</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	2	3	49	3	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\Árvore de Categorias\Forças Familiares\Padrões de Interação Familiares</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	10	18	919	19	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\Árvore de Categorias\Forças Familiares\Padrões de Interação</b>				

<b>Classificação:</b>	<b>Familiares\Vinculação aos filhos</b>				
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	11	18	1,031	19	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\\Árvore de Categorias\\Forças Familiares\Reconhecer dificuldades</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	3	8	517	8	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\\Árvore de Categorias\\Forças Familiares\Reconhecer dificuldades\Impato Ecológico</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	1	1	38	1	
Relatórios\Relatório de resumo de nó			Page 7 of 21		
<b>Tipo de fonte</b>	<b>Número de fontes</b>	<b>Número de referências de codificação</b>	<b>Número de palavras codificadas</b>	<b>Número de parágrafos codificados</b>	<b>Duração codificada</b>
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\\Árvore de Categorias\\Forças Familiares\Reconhecer dificuldades\Potencial de Mudança</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	3	3	170	3	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\\Árvore de Categorias\\Forças Familiares\Reorganização familiar</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	6	18	1,109	18	

<b>Apelido:</b>	<b>Nós\\Árvore de Categorias\\Forças Familiares\Reorganização familiar\Comunicação</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	2	3	70	3	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\\Árvore de Categorias\\Forças Familiares\Reorganização familiar\Tomada de Decisão</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	1	2	42	2	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\\Árvore de Categorias\\Forças Familiares\Resiliência Familiar</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	4	9	541	9	
Relatórios\Relatório de resumo de nó			Page 8 of 21		
<b>Tipo de fonte</b>	<b>Número de fontes</b>	<b>Número de referências de codificação</b>	<b>Número de palavras codificadas</b>	<b>Número de parágrafos codificados</b>	<b>Duração codificada</b>
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\\Árvore de Categorias\\Fragilidades</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	16	62	3,736	62	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\\Árvore de Categorias\\Fragilidades\Desemprego</b>				

<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	7	14	628	14	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\Árvore de Categorias\Fragilidades\Gestão financeira</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	2	2	84	2	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\Árvore de Categorias\Fragilidades\Habitação</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	2	2	39	2	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\Árvore de Categorias\Fragilidades\Multiassistência</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	5	8	651	8	
Relatórios\Relatório de resumo de nó			Page 9 of 21		
<b>Tipo de fonte</b>	<b>Número de fontes</b>	<b>Número de referências de codificação</b>	<b>Número de palavras codificadas</b>	<b>Número de parágrafos codificados</b>	<b>Duração codificada</b>
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\Árvore de Categorias\Fragilidades\Relações Familiares</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	8	16	714	16	

<b>Apelido:</b>	<b>Nós\\Árvore de Categorias\\Fragilidades\\Relações Familiares\\Impacto Ecológico</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	5	8	408	8	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\\Árvore de Categorias\\Fragilidades\\Relações Familiares\\Instabilidade e desligamento</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	1	2	101	2	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\\Árvore de Categorias\\Fragilidades\\Relações Sociais</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	10	22	1,634	22	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\\Árvore de Categorias\\Fragilidades\\Relações Sociais\\Dificuldades no apoio formal</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	1	1	68	1	
Relatórios\\Relatório de resumo de nó			Page 10 of 21		
<b>Tipo de fonte</b>	<b>Número de fontes</b>	<b>Número de referências de codificação</b>	<b>Número de palavras codificadas</b>	<b>Número de parágrafos codificados</b>	<b>Duração codificada</b>
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\\Árvore de Categorias\\Fragilidades\\Relações Sociais\\Isolamento</b>				

<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	4	5	339	5	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\\Árvore de Categorias\\Fragilidades\Rendimento</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	9	11	461	11	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\\Árvore de Categorias\\Fragilidades\Saúde</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	2	4	178	4	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\\Árvore de Categorias\\Objetivos</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	16	127	7,828	127	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\\Árvore de Categorias\\Objetivos\Autonomia</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	8	21	1,508	21	
Relatórios\Relatório de resumo de nó			Page 11 of 21		

Tipo de fonte		Número de fontes	Número de referências de codificação	Número de palavras codificadas	Número de parágrafos codificados	Duração codificada
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\\Árvore de Categorias\\Objetivos\Capacitação</b>					
<b>Classificação:</b>						
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>					
Documento	5	8	405	8		
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\\Árvore de Categorias\\Objetivos\Colaboração</b>					
<b>Classificação:</b>						
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>					
Documento	11	34	1,762	34		
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\\Árvore de Categorias\\Objetivos\Criar rede suporte social</b>					
<b>Classificação:</b>						
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>					
Documento	11	23	1,496	23		
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\\Árvore de Categorias\\Objetivos\Empowerment</b>					
<b>Classificação:</b>						
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>					
Documento	2	5	206	5		
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\\Árvore de Categorias\\Objetivos\Foco no positivo</b>					
<b>Classificação:</b>						
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>					
Documento	7	14	946	14		

Tipo de fonte	Número de fontes	Número de referências de codificação	Número de palavras codificadas	Número de parágrafos codificados	Duração codificada
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\Árvore de Categorias\Objetivos\Modelagem</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	6	16	1,382	16	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\Árvore de Categorias\Objetivos\Potenciar mudança</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	3	4	224	4	
<b>Apelido:</b>	<b>Nós\Árvore de Categorias\Objetivos\Proteção da criança</b>				
<b>Classificação:</b>					
<b>Agregado:</b>	<b>Não</b>				
Documento	5	17	1,062	17	

## **Apêndice VIII**

Output da Análise de dados quantitativa

**Tabela 1.** Teste de Kolmogov-Smirnov

<b>One-Sample Kolmogorov-Smirnov Test</b>					
		org_fam	crenças_fam_ pos	gestão_pos	emoções_pos
N		28	28	27	30
Normal Parameters <sup>a,b</sup>	Mean	39,1429	27,0714	26,1111	19,2667
	Std. Deviation	6,87300	4,86810	4,00320	3,17244
Most Extreme Differences	Absolute	,136	,119	,096	,133
	Positive	,136	,058	,096	,133
	Negative	-,117	-,119	-,078	-,114
Kolmogorov-Smirnov Z		,718	,630	,500	,731
Asymp. Sig. (2-tailed)		,681	,822	,964	,659

a. Test distribution is Normal.

b. Calculated from data.

**Tabela 2.** Alfa de Cronbach's da sub-escala Organização Familiar

<b>Reliability Statistics</b>	
Cronbach's Alpha	N of Items
,856	10

**Tabela 3.** Alfa de Cronbach's da sub-escala Crenças Familiares Positivas

<b>Reliability Statistics</b>	
-------------------------------	--

Cronbach's Alpha	N of Items
,812	7

**Tabela 4.** Alfa de Cronbach's da sub-escala Gestão Positiva dos Recursos, suporte familiar e resolução de problemas.

<b>Reliability Statistics</b>	
Cronbach's Alpha	N of Items
,610	7

**Tabela 5.** Alfa de Cronbach's da sub-escala Emoções Positivas

<b>Reliability Statistics</b>	
Cronbach's Alpha	N of Items
,765	5

**Tabela 6.** Alfa de Cronbach da escala Índice Máximo de Forças

<b>Reliability Statistics</b>	
Cronbach's Alpha	N of Items
,918	29

**Tabela 7.** Correlação de Pearson entre o Tempo e o Índice Máximo de Forças Familiares

<b>Correlations</b>
---------------------

		Tempo	ind_max
Tempo	Pearson Correlation	1	,072
	Sig. (2-tailed)		,707
	N	30	30
ind_max	Pearson Correlation	,072	1
	Sig. (2-tailed)	,707	
	N	30	30

**Tabela 8.** Correlação de Pearson entre o tempo e as sub-escalas

Correlations					
		Tempo	org_fam	crenças_fam_pos	gestão_pos
Tempo	Pearson Correlation	1	-,095	,042	,102
	Sig. (2-tailed)		,619	,824	,592
	N	30	30	30	30
org_fam	Pearson Correlation	-,095	1	,616**	,503**
	Sig. (2-tailed)	,619		,000	,005
	N	30	30	30	30
crenças_fam_pos	Pearson Correlation	,042	,616**	1	,398*
	Sig. (2-tailed)	,824	,000		,030
	N	30	30	30	30
gestão_pos	Pearson Correlation	,102	,503**	,398*	1
	Sig. (2-tailed)	,592	,005	,030	
	N	30	30	30	30

	N	30	30	30	30
emoções_pos	Pearson Correlation	-,161	,782**	,678**	,575**
	Sig. (2-tailed)	,395	,000	,000	,001
	N	30	30	30	30

### Correlations

		emoções_pos
Tempo	Pearson Correlation	-,161
	Sig. (2-tailed)	,395
	N	30
org_fam	Pearson Correlation	,782
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	30
crenças_fam_pos	Pearson Correlation	,678
	Sig. (2-tailed)	,000
	N	30
gestão_pos	Pearson Correlation	,575
	Sig. (2-tailed)	,001
	N	30
emoções_pos	Pearson Correlation	1
	Sig. (2-tailed)	
	N	30

\*\* . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

\* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

